ALEXANDRA BRACKEN

No último minuto

Um conto da série *Mentes sombrias*

intrínseca

ALEXANDRA BRACKEN

No último minuto

Tradução de Rayssa Galvão



Copyright @ 2013 by Alexandra Bracken

TÍTULO ORIGINAL
In Time

PREPARAÇÃO
Juliana Pitanga

CAPA
Maria de Fátima Fernandes

IMAGEM DE CAPA
Shutterstock/vsl

REVISÃO DE E-BOOK
Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0434-0

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Prólogo
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Sobre a autora
Conheça o outro livro da autora
Leia também

Prólogo

Às vezes, passando por alguma estrada tranquila enquanto os outros dormem, ela se pergunta se fez a escolha certa.

Não que não goste do grupo. Ela gosta. De verdade. São muito unidos e cautelosos, sempre tentando dirigir por ruas laterais, evitando as vias principais, tão expostas, com o pânico espreitando em cada curva. Não são más pessoas, a não ser quando passam tempo demais sem comida, sem abrigo ou sem ambos. Ou quando estão com medo. Sempre que acampam em algum lugar para passar a noite, dormem num grande círculo, e as meninas gostam de contar histórias sobre as crianças que conheceram na Virgínia, no Camping East River, e todos acham graça, mas para ela é difícil associar aqueles nomes a rostos conhecidos. Ela não tem muita ideia de como chegar à fogueira a partir do lago e também não estava presente quando eles montaram a tal peça de teatro. Não estava lá porque estava com seus amigos. Estava em um carro diferente, melhor e mais feliz. É que, quando as garotas terminam de contar essas histórias — sempre as mesmas em todas as paradas —, resta apenas o silêncio. E ela sente falta de ouvir o calor da voz de seus amigos, mesmo quando estavam apenas sussurrando mentiras, dizendo que tudo ficaria bem.

Talvez isso seja um pouco ruim, não tem muita certeza, mas é um alívio ver que ninguém espera que ela conte anedotas de sua vida. Assim ela consegue manter essas coisas só para si, bem escondidinhas dentro do peito. E sempre pode contar com o alívio de tocar seu coração quando fica com medo, quando tenta fingir que são seus

amigos ali, brincando, rindo e gritando, e não aqueles outros. Quando quer se sentir segura.

Sua mão está sempre ali agora.

As montanhas passam rápido na direção oposta, e as garotas não param de gritar que precisam ir mais rápido, mais rápido, mais rápido. Dá para ver o carro que os persegue através do para-brisa traseiro do utilitário em que estão. O homem pendurado para fora da janela do carona parece estar mirando a arma nela. E, pelo visto, o motorista está disposto a enfrentar uma tempestade de fogo para alcançá-las — como odeia esse homem.

Ela quer que sua voz se junte à dos outros, que berram e choram. As palavras estão entaladas na garganta. O garoto atrás do volante tem que parar o carro, enfiar o pé no freio. Assim os monstros que estão atrás deles vão sair do outro carro, confiantes, já contando com a vitória. *Somos cinco contra dois*, pensa. *Vamos pegá-los de surpresa*…

Mas o carro decola de repente, como se estivesse subindo uma ladeira. E, no exato segundo em que o carro flutua no ar, o cinto pressiona seu peito com um choque tão forte que ela fica sem ar… Então começam a girar, o vidro quebra, a lataria começa a se entortar — e aí nem ela consegue mais evitar os gritos.

Um

OLHA, DIGAM O que disserem: ninguém gosta desse trabalho.

São zilhões de horas por dia, e o salário é uma bosta. Não, retiro o que disse. O salário nem é uma bosta. Dá para ganhar uma grana boa, é só pegar um peixe de um tamanho razoável. Mas tem um detalhe, claro: todo mundo foi pescar, e agora quase não tem mais peixe nessa merda de rio. Não importa quantas varas de pesca você compre, ou se arranjou a isca mais maravilhosa do mundo; não há peixe suficiente para engordar sua carteira esquálida.

E essa foi a primeira coisa que Paul Hutch disse hoje à tarde, quando nos encontramos no bar. Estamos aqui a trabalho, mas parece que Hutch resolveu aproveitar a oportunidade para passar sua sabedoria adiante. Por que as pessoas sempre têm essa necessidade de achar que devem me ensinar alguma coisa sobre a vida? Já tenho vinte e cinco anos, mas parece que basta tirar as criancinhas do jogo que todo mundo com menos de trinta vira “filho” ou “garoto” ou “menino”. É que essas pessoas, os “adultos de verdade”, precisam ter alguém para diminuir. Não tenho o menor interesse em participar dos delírios de ninguém, ainda mais se for para dar uma aliviada em seus problemas de autoestima. Fico até enjoado quando essas coisas acontecem, como se meu estômago decidisse se autodigerir. Não sou o *amigão* de ninguém, e também não respondo quando me chamam de *menino*. Essas pessoas precisam aceitar logo que seus filhos morreram.

Alguém está fumando numa das mesas mais atrás. Detesto esse bar e detesto o tipo de gente suspeita que

costuma assombrar o lugar. Aqui no Evergreen, tudo é feito de madeira escura ou de um plástico verde-esmeralda bem brega. Acho que a intenção era parecer um retiro de ski, mas acabou virando um Oktoberfest com sérios problemas orçamentários, repleto de tios bêbados deprimidos e sem as gatinhas voluptuosas carregando canecos de cerveja.

O lugar é cheio de fotos emolduradas de montanhas com picos nevados, todas tão velhas quanto eu. E tenho certeza disso porque sei que a montanha daqui não vê uma neve dessas faz uns bons quinze anos, e também já faz quase cinco anos que não tem demanda suficiente para abrir a temporada de ski. Eu sempre pegava o bondinho até o topo das pistas depois da escola, mesmo no verão, quando fazia 45 graus de puro calor aqui no vale, e o pessoal subia para fazer suas trilhas e caminhadas num lugar mais fresco. E sempre penso *Pelo menos não tenho mais que aturar os turistas babacas,* aquelas pessoas que agiam como se nunca tivessem visto uma árvore na vida e desciam cada curva da estrada do Humphreys com o pé no freio. Não sinto a menor falta deles.

Mas sinto falta do dinheiro.

Hutch parece que saiu de um chiqueiro — inclusive cheira como se tivesse saído de um. Ele passou um tempo trabalhando numa dessas agências de turismo que levavam as pessoas montadas em burros até a base do Grand Canyon. Só que os parques nacionais foram fechados e depois vendidos. Não tem mais trabalho para ele lá, só que tenho quase certeza de que a dona da agência ainda permite que ele passe a noite nos estábulos.

Ele já está aqui há quatro horas e parece um tanto embriagado. Logo que entrei no bar escuro, ele ergueu os olhos, confuso e sonolento, parecendo um pinto recém-nascido botando a cabeça para fora do ovo. Ele é o clássico “careca cabeludo” e deu um jeito de prender as pontas do cabelo com uma tira de couro.

Tento acelerar as coisas, então deslizo um bolo de dinheiro amassado na direção dele. A pilha de notas parece um pouco mais impressionante do que realmente é; já faz tanto tempo que só uso notas de dez e de vinte que tenho quase certeza de que pararam de fazer as maiores.

— Não tô dizendo que você não vai dar conta do trabalho, filho — explica Hutch, encarando o fundo do caneco. — É só que parece mais fácil do que realmente é.

Eu deveria prestar mais atenção ao que ele está falando. O cara conhece o negócio como ninguém. Passou seis meses tentando trabalhar como caçador de fugitivos e, como prêmio pelas desventuras, acabou com a mão queimada e mutilada, e agora só lhe restam quatro dedos nela. Ele diz por aí que se machucou lutando contra alguma criança, mas tenho minhas dúvidas; esse é o homem que conseguiu incendiar dois trailers porque caiu no sono enquanto fumava. Mas ele tenta tirar o máximo proveito da situação. A mão mutilada deixa as pessoas com pena e rende várias ofertas de bebidas dos viajantes que param aqui no Evergreen. Rende também algumas moedas, quando ele decide mendigar na esquina da Rota 66 com a rua Leroux, fingindo que é ex-militar da Nação Navajo (mesmo sendo branquelo). Por alguma razão ele acredita que essa combinação o torna melhor do que os outros reles mortais desempregados.

— Você vai me dar as chaves ou não? — pergunto. — Onde estacionou?

Ele me ignora, cantarolando “Take It Easy”, do Eagles, que o pessoal do bar decidiu tocar sem parar sabe-se lá por quê. Talvez porque o Arizona é mencionado uma única vez na música toda.

Sei que estou fazendo um mau negócio ao comprar a caminhonete dele. Com certeza tem algo de errado com ela, que é mais velha que eu, mas é o único carro que posso comprar, e preciso dar o fora daqui. Tenho que sair dessa cidade.

— Quero mais uma — anuncia Hutch, teimoso, tentando chamar atenção da garçonete, Amy, que faz de tudo para ignorar a presença daquele homenzinho miserável.

Já conversei com ela sobre isso. É horrível olhar para o Hutch. Os dentes dele estão cada vez mais podres, e as bochechas estão tão murchas e caídas que as pelancas quase batem no pescoço. Ele só tem quarenta e cinco anos, mas parece o DEPOIS de uma foto de um viciado em crack, dessas que sempre aparecem em programas policiais, quando mostram a cara do assassino. O hálito por si só já é um soco na cara.

Eu gostava muito dele. Hutch conhecia meu pai da época em que fazia as entregas no restaurante. Mas agora... não sei como explicar. Digamos que ele é o exemplo que todos usam para assustar as crianças, e o pior é que você sabe que é isso que o aguarda num futuro muito próximo, e não há nada que possa fazer para impedir. Resumindo: Hutch é um vislumbre do meu futuro. Quando olho para ele, sei que, se não der o fora desse lugar, vou virar esse velho caquético que nem velho é, mas que cheira como alguém que sempre acaba se mijando sem querer. O velho doido que gira sem parar na banqueta do bar, como se estivesse sentado num carrossel de um parque de diversões.

Hutch pega a chave no bolso e deposita no balcão, mas, quando vou pegá-la, ele bate com força nela. Então agarra meu braço com a outra mão e me encara com aqueles olhos marejados e insanos.

— Eu amava tanto o seu pai, Gabe. Sei que ele não ia querer isso para você.

— É, mas meu pai achou melhor sair do jogo, então a opinião dele não conta — retruco, puxando o braço. — Eu já paguei. Agora me diz onde você deixou o carro.

Por um segundo, tenho certeza de que ele vai dizer que estacionou no shopping e que vou ser obrigado a subir a estrada e andar uma hora até lá. Mas, em vez disso, ele dá de ombros e responde, depois de uma eternidade:

— Lá na área norte do parque Wheeler. Perto das bétulas.

Desço da banqueta e viro o caneco de cerveja de quinze dólares que tive que comprar. Hutch continua me olhando com uma expressão indecifrável. Depois de hesitar um pouco, ele continua:

— Mas estou avisando: se encontrar alguém que goste desse trabalho, melhor sair correndo, porque essa pessoa é um monstro. E você vai estar cara a cara com ele

* * *

Vou andando com calma até o centro — ou melhor, até o “Centro Histórico”, como gostam de chamar. O povo acha que o lugar precisa de um nome especial, como se aqui em Flagstaff tivesse algum centro mais importante e cheio de arranha-céus. Caminho devagar porque a manhã está bonita e ensolarada, o céu naquele tom de azul que quase sempre faz tudo abaixo parecer muito pior — menos hoje.

Pelo canto do olho, vejo a velha estação de trem aonde eu ia com meu pai botar moedas para amassar nos trilhos. Pela primeira vez em anos até considero atravessar a rua e me sentar em um daqueles bancos, porque sei que nunca mais vou fazer isso. Não tem muito mais a se fazer ali; os poucos trens que continuam rodando não param mais aqui. Parece que é só isso que faço da vida. Fico sentado, sem fazer nada, pensando em trabalhar, mas sem conseguir encontrar emprego. Acho que esse é o problema de não arranjar nada para fazer: acabo tendo que pensar em toda essa merda; em todos os parques que tiveram que ser transformados em cemitérios; em como o restaurante do meu pai continua vazio, mesmo depois de tantos anos; em como tivemos que nos mudar para um novo trailer porque não conseguimos limpar todo o sangue das paredes do antigo.

Mas que merda, Hutch, penso. *Meu pai só queria dar o fora daqui*.

Passo pelas lojas fechadas, com tábuas cobrindo as janelas. Quando eu era criança — nossa, eu sempre falo *quando eu era criança*. Isso faz quanto tempo? Quinze anos? Uma pessoa de dez anos ainda é criança? Bem, não importa. Foi bem na época em que reformaram essa parte da cidade para os turistas. Para os padrões do Arizona, as construções dessa época são quase da Antiguidade. Meu pai disse que quase todos eram hotéis, inclusive o prédio de tijolos vermelhos com as pequenas torres brancas. Agora são lojas de miçangas ou vendem cristais místicos idiotas lá de Sedona e falsificações de madeira petrificada. De todas as lojas, foram *essas* que sobreviveram quando a economia foi parar no fundo do poço.

A rua está deserta agora de manhã, sem uma alma viva e quase nenhum carro. É por isso que, mesmo a três quarteirões de onde o "protesto" está acontecendo, ouço os gritos que vêm de lá. Até penso em evitar o transtorno e fazer o trajeto mais longo, mas a prefeitura construiu um memorial horrível que fica bem no meio do caminho. É um mural que me deixa arrepiado sempre que passo por ali, um desenho de cinco crianças correndo por um campo florido, uma delas sentada num balanço pendurado numa nuvem. O nome da obra é *Brincando no paraíso*, caso algum dia você venha aqui em Flagstaff e ache que está no clima para sentir um pouco mais de ódio pela humanidade.

As mães da cidade estão firmes no protesto na frente da prefeitura. Claro, não poderia ser diferente. Elas fazem isso todo dia ao amanhecer. Alguns anos atrás, eu até achava que as mulheres conseguiriam alguma coisa, tantos eram os bolos e pães que fabricavam e vendiam para arrecadar fundos para o projeto TRAZENDO NOSSOS FILHOS PARA CASA. Agora parece bem óbvio que isso era só o começo.

Sigo em frente com a cabeça baixa e tentando cobrir bem o rosto com o chapéu, ignorando a mulher gorducha de calça jeans cafona e justíssima e com uma blusa amarelo-

néon com os dizeres MÃES UNIDAS CONTRA OS ACAMPAMENTOS. Ela corre até mim e enfia uma prancheta na minha frente.

— Já assinou a petição?

Não, minha senhora.

— Que tal assinar a petição?

Parece tão bom quanto comer vidro quebrado.

— Por que não quer assinar?

Porque não sou muito fã dessas pequenas aberrações que saem pelo país explodindo tudo.

Pego a prancheta e rabisco um dos quadradinhos, torcendo para ela me deixar em paz. O que mais me impressiona é que, mesmo conseguindo angariar cada vez mais membros, essas mulheres parecem conquistar cada vez menos avanços. E mesmo depois da criação do grupo PAIS UNIDOS CONTRA OS ACAMPAMENTOS, sei que eles não conseguiram arrancar nenhuma informação útil do governo.

E eles devem saber que são ridículos, não é? E mesmo assim continuam aparecendo aqui toda manhã, e cada vez surge mais gente, como pelo de gato em roupa preta. Só que hoje em dia não tem mais nenhum político na prefeitura; eles só mandam o pessoal de Phoenix para cá de vez em quando, para se certificar de que a cidade ainda não mergulhou no caos — ou para barricar as estradas, se o caos estiver instaurado. Os pais simplesmente não conseguem pensar em algo novo. Todo dia é a mesma coisa: eles ficam parados na rua, conversando, se abraçando e segurando fotos velhas das aberrações. Essas pessoas — os "adultos de verdade", segundo minha mãe — só ficam sentadas esperando que alguém venha perdoá-las, que alguém acabe com a culpa que sentem. Se quisessem mesmo resolver alguma coisa, iriam para Phoenix. Iriam para Washington ou Nova York e tentariam descobrir em que buraco o presidente Gray se enfiou e o obrigariam a responder pelo que fez.

Esses adultos não parecem se dar conta de que perderam qualquer direito à liberdade, que *todos nós* perdemos. Eles

só se importam com *as crianças*, *as crianças*, *as crianças*.

Quero me virar para a sra. Roberts e mandá-la parar de ser tão hipócrita. Dizer para o sr. Monroe, a sra. Gonzales e a sra. Hart que eles são os responsáveis por tudo isso. Que eles mandaram seus “bebês” para a escola naquele dia e ficaram parados do outro lado da cerca do parquinho, assistindo enquanto os homens de uniforme preto enfiavam as aberrações dentro dos ônibus. Agora eles se arrependem, agora eles compreendem algo de que todos nós já suspeitávamos. Aqueles ônibus só tinham um destino: um lugar bem longe dali.

E é isso que eu não entendo. O governo anunciou um milhão de vezes nos jornais, na TV e no rádio que essas aberrações só conseguiriam sobreviver se recebessem um tratamento de reabilitação nos acampamentos. Até colocaram o filho do presidente lá dentro, para provar que “funcionava”. Levaram o menino para cima e para baixo, numa espécie de desfile da vitória que obviamente só foi feito para acalmar a população e convencer a todos que não era má ideia mandar as aberrações para longe. Tá bom, então. Não importa.

Mas, depois de um ano ou dois, cada vez mais aberrações foram afetadas. Pais e mães desesperados mandavam mais e mais crianças. E, nesse meio-tempo, não vimos ninguém sair de lá “curado”. E nem no terceiro, quarto ou quinto ano dos acampamentos. Esses pais deveriam ter prestado atenção ao que estava acontecendo, em vez de correrem em círculos como galinhas apavoradas, desesperados por qualquer migalha de esperança, mas nenhum deles demonstrou ser a voz dissidente que questionaria aquela política do governo. Se tivessem prestado atenção, já teriam compreendido a mentira. E nunca teriam colocado as aberrações naquele registro on-line, que o governo transformou numa rede de apoio aos caçadores de fugitivos e que os agentes da FEP usaram para descobrir onde precisavam coletar as aberrações que não tinham sido

mandadas aos acampamentos por pura e espontânea vontade.

Já se passaram seis anos. Eles não vão mais voltar. E, mesmo se fossem, pensem só no que os “adultos de verdade” fizeram com o país. Quem ia querer trazer seu filho de volta para um lugar desses? Um lugar onde os jornais só noticiam mentiras e onde monitoram cada passo e cada palavra de qualquer um. Um lugar onde vão passar a vida inteira trabalhando enquanto aos poucos cresce a certeza desoladora de que nunca vão conquistar nada e que as coisas nunca vão melhorar.

Só queria que eles admitissem que foram eles mesmos os responsáveis por isso; que não só permitiram que Gray levasse seus filhos, mas também que acabasse com qualquer esperança de um futuro melhor. Não aguento mais a obrigação de sentir pena dessa gente, sendo que todos nós estamos sofrendo.

Só queria que eles admitissem que perdemos muito mais do que algumas aberrações.

Só queria que todo mundo parasse de mentir.

* * *

O combustível na velha picape azul está zerado. Claro. Tenho que andar pela cidade implorando por um pouco aqui e ali, enquanto as pessoas me olham como se eu estivesse pedindo que elas entrassem numa casa em chamas. Mas pelo menos tenho os contatos certos. Foram os poucos espertos que guardaram cada mililitro de gasolina que a Guarda Nacional doava no velho posto. Eu ainda me lembro de ficar esperando debaixo da placa com o logo do dinossauro verde, tremendo com o frio de -20 graus, vendo a cidade inteira enfileirada na estrada, esperando sua vez. A Guarda Nacional simplesmente parou de aparecer uns dois anos atrás, e, quando acabaram as visitas, a gasolina também se foi. Muitas outras coisas também acabaram.

Transformaram o parque de diversões num acampamento e estacionamento de trailers. Se você virasse para mim dez anos atrás e me pedisse para imaginar um mundo em que milhares de pessoas vivem abarrotadas em alguns quilômetros quadrados, perto de milhares de casas desocupadas e devolvidas aos bancos, não sei o que teria pensado. Acho que deduziria que você estava falando de algum filme ruim.

Hutch diz que cada criança vale uns dez mil dólares. Dez mil. Uma ou duas não vão ser o suficiente para comprar uma casa de verdade nem nada do tipo, mas deve bastar para pagar um desses cursos de dois anos em alguma universidade. Se eu arranjar um diploma, talvez consiga trabalho em alguma cidade, e com isso talvez tenha a oportunidade de ter uma casa, mesmo que num futuro muito distante. Só sei que não terei a menor chance se continuar aqui.

Confiro três vezes para ter certeza de que a picape está trancada antes de sair andando pela grama molhada até em casa. Já estou sentindo olhares curiosos me seguindo, de olho na picape, ponderando. Já fui um desses olhares. Todos já fomos. É muito mais fácil roubar alguma coisa do que trabalhar duro por ela. Mas também não sei quantas pessoas iam querer um carro velho com a lataria enferrujada e a pintura descascando.

E, de qualquer forma, não vou ficar aqui por muito tempo, não vão ter como roubá-la. Vou e volto num pé só. Vim repetindo isso do parque até aqui. Vou e volto num pé só.

A porta do trailer range quando abre, e, depois que eu entro, ela sacode e fecha com tudo. Foi um presente dos Estados Unidos da América, mas quase todas as peças têm selos revelando que foram fabricadas na China. As paredes de alumínio são tão finas que estalam e se dobram para dentro e para fora, dependendo da direção do vento.

Não tem muito espaço além do que já está ocupado pelos beliches no fim da pequena quitinete, mas minha mãe deu

um jeito de pendurar uma TV minúscula do tamanho da minha mão na mesa dobrável onde deveríamos comer. Ninguém mais tem tempo ou dinheiro para filmar nada novo, então só passa jornal ou reprise de seriado. No momento, parece que está passando um episódio de *Roda da Fortuna* da década de 1990. Às vezes prefiro que falte luz, pois só assim minha mãe consegue sair desse transe por tempo suficiente para se lembrar de comer e lavar o cabelo.

Minha mãe nem me olha quando entro, mas eu reparo no que ela fez logo de cara. Pegou o rascunho de registro, colou os pedaços de volta e pendurou na geladeira. Eu rasgo esse negócio sempre que o vejo, e ela sempre conserta tudo e pendura na geladeira novamente. Não sei quantas vezes já expliquei, mas ela sempre me ignora.

— Os recrutas da FEP passaram aqui — comenta ela, sem tirar os olhos da TV. — Eu falei do seu problema, e eles disseram que você devia ir lá falar com eles para examinarem isso. Só para ter certeza, entende?

Fecho os olhos e conto até vinte, mas paro quando me lembro do que meu pai costumava fazer. O cabelo louro e seco da minha mãe parece não ver um pente há semanas, e ela está usando um roupão rosa-claro, camiseta do Mickey e calça jeans — também conhecido como "a roupa que ela usou para dormir ontem e anteontem". Abro a geladeira só para ter certeza, e lá está: o vazio eterno e infinito. Comemos a última lata de sopa no jantar da noite passada, então sei que ela não foi buscar as doações hoje de manhã.

— Que cheiro de cigarro é esse? — pergunta ela, de repente. — Você estava no bar? No bar do seu pai?

Vou até o beliche nos fundos, pego minha pequena mochila e penduro-a no ombro.

— Vou sair.

— Você ouviu o que eu falei sobre os FEP, filho? — pergunta minha mãe, os olhos já se voltando para a TV, a voz cada vez mais baixa.

— Você ouviu o que eu disse nas últimas dez mil vezes que tivemos essa conversa? — respondo, odiando ver a raiva ganhando espaço de novo. — Eles não vão me aceitar. E nem a Guarda Nacional.

Acho que ela tem esperança de que eles estejam desesperados a ponto de me aceitar. Mas, nos últimos cinco encontros que tive com o responsável pelo recrutamento, fui obrigado a ouvir que não me qualifico para o trabalho porque quebrei o joelho jogando bola e precisei de parafusos para ajeitá-lo. Já tentei de tudo: forjei documentos, tentei ir em outro estado. Não adianta. Eles sabem que as pessoas estão doidas para entrar, é o único trabalho fixo seguro que ainda resta no país. Depois de servir quatro anos no inferno, você recebe um belo cheque de pensão todos os meses pelo resto da vida.

— Mas nenhum dos seus amigos consegue ajudar nisso?

Faz quatro anos que não tenho notícias deles, desde que começaram a servir. Parece que, depois de vestir o uniforme, a pessoa é sugada por um buraco negro. Só temos certeza de que eles estão vivos porque o governo continua mandando os cheques para suas famílias, junto com alguns pacotes extras nas doações de comida.

— Vou sair — aviso, segurando a mochila com mais força. As chaves chacoalham no bolso da calça quando saio andando, e é alto o bastante para ela tirar os olhos da TV.

— O que você fez? — pergunta, irritada, como se tivesse o direito de ouvir uma resposta. — Você pegou o dinheiro da faculdade? Comprou aquela picape?

Dou uma risada. Uma risada de verdade. Oitocentos dólares não pagam nem a ideia de uma faculdade, quanto mais a inscrição. Se já era caro antes, agora é simplesmente absurdo. Além disso, apenas algumas universidades estão abertas. A do Norte do Arizona fechou, assim como a Universidade do Arizona e quase todas as do Novo México, além de todas as escolas técnicas de Utah. Acho que na Califórnia ainda tem algumas escolas técnicas estaduais

abertas, e um dos campi da Universidade do Texas continua funcionando. Acho que vai ser tranquilo fazer faculdade lá. Não sou ingênuo a ponto de achar que conseguiria pagar uma das universidades privadas chiques lá no leste, como Harvard.

Só preciso de duas aberrações. E, se eu acabar me saindo bem nesse negócio, melhor ainda. Vou economizar tudo que me pagarem pelas aberrações três, quatro e cinco. O problema da minha mãe e das pessoas dessa cidade é que ninguém pensa grande. É um povo que fica tão satisfeito com essa vidinha medíocre que o destino trouxe que não consegue nem imaginar que possa ter algo muito melhor lá fora.

Eles não entendem que estou investindo no meu futuro. Porque já investiram tudo que tinham nessa cidade.

— Você é mesmo burro — sussurra ela, quando abro a porta com um pontapé. — Daqui a pouco você volta. Você não tem a menor ideia de como se virar sozinho, meu filho. E não vá pensando que vou ficar com pena quando a merda explodir na sua cara! — Ao ver que suas ameaças não estão surtindo efeito, ela decide apelar. — Você é burro e idiota e vai acabar igualzinho ao seu pai.

Minha mãe me segue até a picape, gritando todos os palavrões e comentários ácidos que sua mente consegue formular. Mas nós dois sabemos qual é a verdade: eu que cuidava dela esse tempo todo; sem mim, ela não vai durar nada.

E não me importo. Não mesmo. Perdi meus pais quando meu pai decidiu explodir a própria cara.

Mas toda aquela gritaria atrai olhares interessados do mar de trailers sujos em volta. Ótimo. Quero que vejam que estou indo embora. Quero que saibam que fiz o que ninguém conseguiu. E eles podem fofocar sobre mim com os vizinhos, podem espalhar a notícia pela cidade, em sussurros chocados. A última coisa que vão ver é a traseira do meu carro, enquanto dirijo para longe daqui. Quando

falaram de mim, daqui a muitos anos, só vão dizer uma coisa realmente importante.

Eu dei o fora daqui.

Dois

Depois de duas semanas para cima e para baixo na rodovia I-17, dando duro para conseguir minha primeira captura, sou forçado a admitir que, pelo menos nisso, Hutch estava falando a verdade: os outros caçadores pegaram tantas aberrações que elas estão quase extintas.

Não me entenda mal. Eu não estava achando que ia balançar uma árvore, e uma aberração ou outra ia cair dela. Eu desconfiava havia um bom tempo de que pouquíssimas delas tinham conseguido escapar dos acampamentos de reabilitação, então provavelmente agora elas eram um achado raro. É uma questão simples de estatística. Depois que 98% da população morreu, e considerando que, dos 2% restantes, 75% estão nos acampamentos e apenas 25% estão à solta… Bem, é um número pequeno.

Muito pequeno.

Fecho a porta do quarto com força, ignorando o olhar irritado da proprietária. A velha está aqui fora, monitorando os medidores de água para ter certeza de que ninguém está gastando mais do que o permitido — que já não é muito, até porque estou pagando apenas cinquenta dólares por semana para ficar aqui. Seus dois filhos de meia-idade ajudam na administração da gentalha que aluga quartos em sua pensão. Eles arrecadam o aluguel e se certificam de que ninguém tente nenhuma gracinha ou decida vender qualquer coisa que não possa ser vendida num estabelecimento de gente decente. A placa do lado de fora anuncia que o lugar é um hotel, mas o negócio tem sido

administrado como uma espécie de pensão desde que a economia entrou em crise.

Construído na década de 1960, era bem evidente que o lugar não passara por nenhuma reforma. Era um prédio cor de terra de dois andares que só fornecia o mínimo necessário para a sobrevivência, com alguns canteiros de flores murchas espalhados pelos cantos numa tentativa de alegrar o ambiente. O verão estava tão absurdamente quente, mesmo na gélida Cottonwood, que aquelas violetas não tinham a menor chance de sobreviver.

— Você vai voltar para pagar pelas duas semanas? — pergunta a velha, quando abro a porta da caminhonete.

O nome dela é Beverly, mas está sempre com a blusa do falecido marido, que, de acordo com o bordado no tecido, se chamava Amos. Então claro que olho para ela e só penso em Amélia.

— Volto hoje à noite — respondo.

E tenho mesmo que voltar. Cottonwood é razoavelmente segura e fica numa região rural, mas Amélia é tão mão de vaca que é bem capaz de me expulsar daqui e botar outra pessoa no meu quarto se o dinheiro não estiver na mão dela até a manhã seguinte. Volta e meia pego a mulher olhando esquisito para mim; tenho até medo de ela ter alguma habilidade doida que nem essas aberrações e saber que minha carteira já está ficando vazia.

Aceno para ela com animação enquanto saio com o carro, mas fecho os dedos e deixo só um para cima assim que ela me dá as costas e volta a trabalhar.

Boas maneiras sempre.

Não sou idiota. Economizei o bastante para sobreviver até conseguir minha primeira captura — desde que isso aconteça em dois meses, claro. O problema é que não tinha pensado em como exatamente daria início às buscas. Hutch me deu seu velho manual de AGENTE DE RECUPERAÇÃO DE FUGITIVOS PSI, mas, quando voltou para Flagstaff, já tinha vendido toda a parafernália que veio junto para comprar

cerveja. Esse começo da vida de caçador é uma merda: primeiro você precisa encontrar e entregar uma criança antes de ser registrado oficialmente no sistema de rastreamento de fugitivos. *Só depois* eles dão o tablet conectado à rede deles. E *só depois disso* você começa a ganhar pontos e subir de posição na classificação geral. Pelo que li no manual, quanto mais pontos a pessoa ganha inserindo relatos de avistamentos e dicas na rede de rastreamento, maior é o acesso à internet e coisas do tipo liberado pelo governo.

Se eu tivesse internet, tudo isso seria mil vezes mais fácil, penso, pegando a estrada. A luz do tanque de gasolina já está piscando há dias, mas consegui bolar um plano para fazer com que o tanque dure mais umas duas buscas.

Chamo de plano para me sentir um pouco melhor por estar procurando pistas do jeito mais incompetente possível. Dirijo até uma cidade vizinha, como Wickenburg, Sedona ou Payson, e saio para dar uma volta, deixando o caminhão estacionado em algum lugar que me pareça seguro contra tentativas de roubo ou de furto de gasolina. Ando bastante pelas redondezas, tomando o cuidado de passar pelas escolas da região, porque pelo visto é só lá que as pessoas deixam os avisos de DESAPARECIDO presos às cercas de metal. Talvez porque na mente das pessoas as crianças ainda continuem zanzando pelos lugares em que costumavam ficar. Então os locais devem achar que elas vão se deparar com os cartazes e pensar: *Nossa, é melhor eu ir para casa logo. Minha mãe deve estar morrendo de saudade.* Pego todos os avisos e guardo, para depois comparar com as informações no sistema de rastreamento. Quando eu tiver acesso a ele. Quando eu encontrar e entregar uma criança.

Só mais um dia, penso. Só vou esperar até o fim da semana. Daí vou desistir e usar o que tiver sobrado do dinheiro para botar gasolina e dirigir até Phoenix. Lá tem mais subúrbios, mais prédios abandonados e milhões de

famílias. Acho que vou ter mais sorte por lá. Só que isso me incomoda um pouco, sabe? Não gosto de pensar que mal comecei e já tenho que mudar de estratégia.

A única coisa na minha vida que não falha nunca é esse azar de merda que me acompanha aonde quer que eu vá.

Decido seguir a I-17 para o sul, indo até Camp Verde, só porque faz uma semana que não passo por lá. O lugar ainda tem um posto de gasolina na ativa, o que é bom, mas o que me interessa mesmo é o fluxo constante de caminhoneiros entrando e saindo da cidade, trazendo um monte de fofocas.

Desligo o ar-condicionado para economizar gasolina e abro a janela para deixar entrar um pouco de ar fresco e luz do sol no carro. Meu pai sempre dizia que é um esforço contínuo pensar em coisas boas e positivas, mas que é fácil entrar na espiral de desespero que nos faz pensar em todas as formas como algo pode dar errado e se preocupar com coisas que ainda nem aconteceram. Agora entendo isso muito bem: basta pensar nele que já sinto uma pontada de angústia. Cada vez mais entendo tudo que ele fez. Perder o restaurante foi a maior humilhação de sua vida, mas não era só isso. Ele sabia que o estabelecimento era tudo que ele tinha. E, quando o mundo arrancou aquilo de suas mãos, meu pai de repente se viu sem escolha. Precisava cuidar da minha mãe e de mim, mas não tinha dinheiro nem para começar a vida sozinho em outro lugar, quanto mais com duas pessoas. Nós o prendíamos ali, e na cabeça dele só lhe restava uma saída.

Quando começo a achar que essa também é a única saída para mim, faço uma coisa para me acalmar: saio para dar uma volta ao ar livre. Preciso abrir a janela e deixar o cheiro de terra entrar e acabar com o fedor abafado de sangue que parece gravado para sempre em minhas narinas.

Um carro vermelho surge no retrovisor, me arrancando daquela estrada terrível e sombria e me forçando a voltar

para a rodovia à frente. Até olho de novo para conferir: o babaca no volante está metendo o pé no acelerador, parece que está tentando escapar da sombra das montanhas logo atrás. Um segundo depois, o carro desliza para o lado e me ultrapassa. A caminhonete inteira treme quando um sedã bege passa colado à traseira do carro vermelho, numa velocidade que me faz instintivamente guiar o veículo para o acostamento, mesmo depois que os dois já zuniram para longe. Meu coração está acelerado. Estou com tanto ódio daqueles motoristas de merda, e minha mente está tão presa àquela última imagem do meu pai no chão do velho trailer, que levo alguns minutos para me recuperar.

Merda. Esfrego a testa. Merda, merda, merda. Se aqueles imbecis queriam apostar corrida, deviam ter escolhido uma estrada menos movimentada, onde não teriam muitas chances de bater em alguém. Tudo bem que aqueles eram os únicos carros que eu via desde Cottonwood, mas mesmo assim. Morrer por culpa dos outros num acidente de alta velocidade definitivamente não é parte do plano.

— Tira essa bunda daqui logo — murmuro para mim mesmo. — Você é um mané mesmo, hein…

Ligo a seta para voltar à estrada e só então me dou conta de como essa atitude é ridícula. Eu poderia dirigir no meio da estrada, se quisesse. Então é claro que é exatamente isso que faço. Só para ter o gostinho. E quer saber? É bom pra caramba. Eu me sinto o dono do vale que se estende à minha frente, como se pudesse…

Enfio o pé no freio, e a caminhonete para um metro e meio depois.

O carro vermelho capotou e está de cabeça para baixo no canteiro gramado que separa a pista. O motor está soltando fumaça, e duas rodas continuam girando. O sedã está parado na diagonal, bem no meio da pista. Dois homens descem dele, ambos com jaquetas camufladas e carregando rifles. Um parece a versão mais alta do outro. Os dois têm uma cabeleira preta enorme e desgrenhada, presa por baixo

dos gorros, além de barbas enormes e barrigas proeminentes. Quase dou risada. Até que a garota aparece.

Ela tem cabelo preto e cacheado e veste blusa sem manga e calça jeans. À sua direita, surge uma menina loura baixinha embrulhada num moletom preto grande demais para ela. Atrás das duas, encolhida, outra menina ainda mais nova, uma asiática de longo cabelo preto. Ela insiste em voltar para o carro, mas a garota loura segura seu braço e a puxa mais para perto.

Reparo que os homens já estão com as armas preparadas, e um deles atira na janela do veículo vermelho. O vidro quebra, e as meninas dão um grito. Saio do carro depressa, chamando a atenção do grupo.

— Dá o fora daqui! — grita um dos homens, apontando a arma para mim.

Levanto as mãos. O que mais posso fazer? Nada disso parece real. É a primeira vez em seis anos que vejo crianças e uma adolescente, e parece que meu cérebro não consegue processar a informação.

As garotas aproveitam para fugir. Em minha visão periférica, vejo as três se afastando, disparando pela estrada. A mais velha bota a mão no capô de um dos carros abandonados, e os faróis se acendem de repente, na mesma hora em que o motor volta à vida. Ela faz um gesto com a mão, como se limpasse a poeira da lataria. Do nada, o carro avança pelo canteiro entre as vias, partindo para cima daqueles homens — os rastreadores.

Merda.

Muito já se falou sobre tudo que as aberrações podem fazer, mas para mim não passava de exagero. Não tem como alguém simplesmente piscar os olhos e fazer uma casa pegar fogo, né? Mas aquela garota... Ela... Ela...

Os rastreadores saltam para o lado e desviam do carro, mas, seja lá qual foi o poder doido que fez o carro funcionar falha de repente, e o veículo desacelera até parar no acostamento do outro lado da estrada. Acho que a garota

nem queria atingir os homens, só queria criar uma distração e ganhar tempo. Fico impressionado e horrorizado ao ver como foi eficaz.

— Elas estão fugindo! — grito para os homens, apontando na direção das meninas, que se embrenham pela floresta de Tonto.

Os homens olham feio para mim, como se *eu* fosse o culpado por aquilo, e saem correndo. Sei lá, vai ver a culpa foi minha mesmo. Talvez valha a pena ir atrás dessas aberrações também, para ver se consigo pegar uma para mim. Não tem nada no manual dizendo que isso é proibido ou que eu perderia algum ponto por me enfiar na caçada dos outros. Mas não me parece uma boa ideia roubar uma presa e passar a ser caçado.

Bom, talvez eles tenham alguma coisa útil.

Olha, não tenho orgulho nenhum do que estou fazendo, tudo bem? Mesmo assim vou até o carro e espio pela janela do motorista, tentando ver se eles deixaram alguma coisa de valor ali dentro. Vejo um bolinho de dinheiro em um dos seguradores de copo, mas não encontro nenhuma parafernália de rastreador. Bem, já era de se esperar.

A porta está destrancada — ou seja, a sorte basicamente decidiu por mim. Enfio o dinheiro no bolso de trás da calça, me viro para a mata onde eles se enfiaram e bato continência. Digo a mim mesmo que nenhum dos dois vai dar falta dessa mixaria. Estão prestes a receber trinta mil. Basta capturarem aquelas garotas — aquelas *coisas*.

O manual diz que você não deve pensar nas crianças como seres humanos, o que é bem mais fácil depois de ver aquela ninja psíquica ligar o carro e fazê-lo andar sozinho. Ainda assim, não sei se consigo seguir esse conselho à risca. Um dos rastreadores citados no livro diz que gosta de pensar nas crianças como cachorros, e ainda por cima filhotinhos. São seres vivos muito diferentes de nós, mas que mesmo assim têm necessidades. Acho que vou começar por aí. Cachorrinhos. Não, não dá certo. Cachorros

são fofos demais. Vou continuar pensando nelas como aberrações.

E o mais bizarro é que, quando me aproximado do carro capotado, tenho certeza de que ouço um cachorrinho ganindo. Digo a mim mesmo que é melhor seguir meu caminho e dar o fora dali antes de os barbudos retornarem e repararem que está faltando alguma coisa, mas meu olhar se volta para a pessoa atrás do volante. Como o vidro do para-brisas quebrou, dá para ver bem o ângulo estranho do pescoço do garoto. Ele é negro e tem dreads longos e volumosos, que mesmo assim não cobrem o caco enorme de vidro fincado em sua garganta. O sangue ainda escorre pelo queixo, deslizando pela pele escura até encharcar os olhos abertos e imóveis.

O corpo dele ainda está quente.

É um corpo. É um menino — uma coisa.

Lembro que, quando tinha uns dez anos, sempre brincava com dois amigos da escola no espaço atrás do restaurante do meu pai. Numa tarde qualquer decidimos virar todas as latas de lixo e deixá-las de lado, porque um de nós teve a ideia genial de saltar sobre elas com a bicicleta, como os caras que tínhamos visto em algum programa idiota da MTV. Acontece que demos de cara com um gato morto caído atrás da primeira lata. Nunca vou esquecer aquele gato maldito, o pelo cinza todo embolado, coberto de sangue, a parte inferior do corpo amassada — devia ter sido atropelado. Nós três simplesmente ficamos ali, sentados, encarando o bicho sem vida, nos revezando para ver quem conseguia chegar mais perto sem vomitar. Isso durou horas.

O gato foi a primeira coisa em que pensei quando encontrei o corpo do meu pai mais tarde, naquela mesma noite.

Por que coisas horríveis e violentas nos fascinam tanto? Nunca tinha visto nada morto antes daquele momento, mas, anos depois, quando começou a acontecer funeral após funeral, todo mundo sempre queria saber cada detalhe do

que acontecera. Os noticiários até pararam de fingir que tinham alguma outra coisa importante para relatar, e todos nós ficamos cada vez mais sedentos por informações daquele tipo, viciados na cobertura da imprensa das centenas, milhares, milhões de mortes, só esperando para ver quão fundo era o poço no qual estávamos mergulhando, completamente fascinados por aquilo. Eu nem saí de casa quando soube dos bombardeios na capital. Passei duas semanas sem ir ao trabalho, envolto numa overdose de notícias 24 horas por dia. Depois de um momento de silêncio, vejo uma mãozinha pálida bater sem parar na janela do passageiro. Sinto minhas pernas se movendo outra vez, correndo, me fazendo dar a volta no carro, indo até a porta aberta.

Logo atrás do banco do motorista, me deparo com uma menina que deve ter no máximo dez anos, que olha para mim por trás dos escombros, o rosto sujo de sangue. Está pendurada de cabeça para baixo, tentando abrir o cinto de segurança. O banco do motorista parece ter se partido ao meio e está tão inclinado para trás que a menininha ficou presa. Eu me pergunto se estou diante de um menino ou de uma menina, por causa do cabelo preto curtinho e espetado. Demoro um pouco mais do que deveria para reparar que a menina — a aberração — está usando um vestido rosa-shocking.

Acho que o cinto de segurança emperrou. Quando dou por mim, minhas mãos estão se estendendo na direção dela — dela não, da *aberração* — e puxando a tira de tecido, tentando abrir a fivela do cinto na marra. Entro no carro para tentar de outro ângulo, e o olhar de alívio dela se transforma em pura irritação, como se dissesse: “Ei, seu idiota, se puxar adiantasse de alguma coisa, acha mesmo que eu ainda estaria aqui?”

Seu rosto está vermelho, o sangue se espalhando pela cabeça, mas ela consegue puxar a perna direita. A menina se alonga um pouco, se esticando o máximo possível,

apontando com o dedo do pé para o menino morto no banco do motorista. Ou melhor, para a faca presa em sua cintura. *Nossa, por que eu também não ando com uma faca dessas?* Como claramente acha que sou burro, a menina gesticula como se estivesse cortando o cinto logo acima da cintura.

— Tá, tá, já entendi — resmungo.

Tento ignorar a vozinha na minha cabeça, que, estranhamente, soa como a do meu pai. *O que você está fazendo? Roubar dinheiro é uma coisa, mas se você acha que aqueles caras vão deixar você se safar depois dessa...*

Mas três já não está de bom tamanho para eles? Qual é a necessidade de levar quatro aberrações? Eu só preciso de uma. Uma aberração, e estou dentro do negócio, me torno um caçador de verdade. A verdade é que aqueles caras foram meio idiotas de não conferir se a garota estava viva antes de saírem correndo atrás das outras. Parece que o destino botou essa menina — essa *coisa* — no meu caminho. Algo bem lá no fundo sabe que estou certo. E sabe que nada nunca mais vai ser tão fácil. É um presente que o destino mandou para mim, e eu que não sou doido de recusar.

Aqueles caras não pensariam duas vezes antes de roubá-la de mim. Ok, não dá para ter certeza, mas quem me garante que eles não iriam meter um tiro em mim? Pois é.

Preciso dessa aberração. Preciso de comida, de gasolina e de dinheiro para pagar Amélia, para ela resolver atazanar algum outro coitado que ainda não pagou o aluguel.

Estou tentando de todas as formas cortar o cinto de segurança, mas sem sucesso. O impacto deixou uma senhora marca de cinto na garota, uma listra vermelha já se formando em seu pescoço.

— Fica quieta! — ordeno, porque a menina não para de se mexer, se debatendo como um peixe tentando voltar para a água.

A faixa de tecido finalmente cede. A garota é tão magrinha e pequena que deslizar por baixo do que resta do

cinto, caindo no teto amassado do carro. Ela vai ter que rastejar por baixo do banco do motorista. Vejo seus olhos se voltarem para o corpo que jaz ali, e não sei por quê, não sei mesmo, mas não quero que ela o veja.

— Vem logo, vamos!

Estendo as mãos para ela, que praticamente se joga em meus braços. A menina não pesa quase nada, com seus ossos magros e delicados, a pele suada e coberta de sangue. Saio com ela do carro, tentando afastar o pescoço de seus braços, que parecem loucos para me envolver em um abraço bem apertado.

— Para com isso, garota! Não vou resgatar você! Você é idiota? Chega!

Tento arrancar a imagem do rosto dela da cabeça, matar a sementinha de simpatia que começa a brotar em meu coração. *Pense neles como cachorros de rua*, sugeria o manual. *Que precisam ser capturados e levados para o canil. Mas, quando são muito agressivos, a única solução é a eutanásia.*

Minha visão escurece quando levo o primeiro chute no saco. Seus pezinhos enfiados naqueles tênis rosa idiotas começam a chutar loucamente, acertando meu peito e minha perna. Perco o equilíbrio e caio para a frente, e nós dois nos estatelamos no asfalto. Ela se levanta enquanto ainda rolo pelo chão com a mão na virilha, tentando não chorar.

Merda. Levanta, levanta, levant…

Consigo ficar de joelhos e tento agarrá-la, mas a aberração é tão minúscula que simplesmente se abaixa e escapa, e eu abraço o ar. Eu avanço nela, achando que a menina vai tentar correr e se esconder nos arbustos baixos e secos do vale verdejante. No entanto, ela dispara até o sedã bege dos rastreadores, pressionando as duas mãos no capô. O carro solta um gemido baixo, lembrando muito o som que meu violino fazia quando eu ficava com preguiça de afiná-lo direito e passava o arco pelas cordas, durante as

aulas de música da escola. Eu a seguro pela cintura, puxando-a para longe do carro. E não vou cometer o mesmo erro: levanto a aberração e a jogo nos ombros, como um saco de batatas. Ela percebe que lutar é inútil.

— Ei!

O grito corta o silêncio, ecoando pela rodovia.

Dou meia-volta, à procura da voz que acabei de ouvir. Um dos barbudos está correndo em minha direção. Vejo uma fagulha prateada, como se a luz estivesse piscando para mim. Sim, claro que essa é a primeira conclusão a que meu cérebro chega; não que é uma bala, não que eu deveria jogar a menina no chão e correr para o carro, e sim: *Ah, olha! Brilha!*

— Solta isso! — urra o barbudo.

A bala acerta o carro vermelho, e eu pulo, assustado. Já vi essas coisas — as armas, claro — na TV. E no cinema. E em jogos. Mas armas de verdade são bem mais barulhentas. E assustadoras.

Não consigo me mexer. Meu corpo não consegue se obrigar a botar um pé na frente do outro. Minha cabeça dá voltas, compreendendo muito bem o que vai acontecer se eu não pegar logo no tranco. Por que eu não tenho uma arma? Por que não economizei o bastante para comprar uma dessas antes de partir?

Me sinto um idiota. Um garotinho inexperiente que tenta entrar no time de futebol da escola.

De repente sinto uma dor lancinante na lombar. A garotinha enfiou o cotovelo ossudo bem nas minhas costas. Dói muito, mas aquilo me faz cambalear para a frente. Assim que começo a me mexer, não há nada que me faça parar. Não consigo. O barbudo está muito perto. Ele para de correr quando alcanço a caminhonete, e já sei o que vai acontecer antes mesmo de ele levantar o braço e mirar. Praticamente jogo a garotinha dentro da cabine e mergulho lá dentro. Um-dois-três tiros. Nossa, o cara está mesmo querendo me matar.

Tento não tremer. Tento não pensar nessa aberração botando o cinto no banco do carona logo ao lado. Tento lembrar qual pedal é o acelerador e qual é o freio, e o carro de repente dispara para trás, em vez de para a frente. Os tiros pontilham o para-lamas. Pelo retrovisor, vejo que o barbudo se joga no chão para não ser atropelado. Estou atordoado, como se tivesse levado um soco na cara, mas de repente recebo um choque de realidade e mudo a marcha, fazendo o carro dar a volta. A caminhonete range com a pressão no acelerador, mas dá conta do trabalho. Vejo o outro barbudo sair correndo do meio das árvores secas, sacudindo os braços. O cara caído no chão pega o rifle e ergue a mira diante dos olhos, mas já estamos longe demais. Finalmente tiro os olhos do espelho, e percebo que estou no meio da estrada.

Vamos dar o fora daqui.

Não sei por que o alívio sai em forma de risada. Isso não tem nada de engraçado. Absolutamente nada. A luz do tanque de combustível acende como um demônio vermelho, e aqueles caras têm um carro vinte anos mais novo que o meu. Mas os minutos vão passando, e finalmente percebo que eles não vão me seguir. Se fossem, já teriam chegado.

Então me lembro.

Olho para a direita, para a garotinha — a aberração — sentada ao meu lado, com o rosto colado na janela. Ela parece quase… Eu não diria com defeito, porque sei que ela é assim. Todas essas crianças vieram com defeito, senão não estaríamos nessa. Mas a menina está completamente inexpressiva, olhando para a vegetação lá fora, embora pareça não enxergar nada. O reflexo na janela revela um rosto cheio de sangue seco embaixo do nariz e na testa, e sinto uma pontada de dor tão intensa que parece que levei outro chute no saco.

Como se *aquela aberração* tivesse me chutado de novo. Não consigo fazer nem isso direito. Essa coisa não é

humana. É *um ser vivo* com necessidades, mas *não é* um de nós.

— Você fez alguma coisa com o carro deles? — pergunto, surpreso ao ouvir minha voz tão rouca.

Por um segundo, eu me pergunto se não gritei como um louco e nem reparei, sem ouvir nem sentir nada.

Ela faz que sim com a cabeça.

— O que você é?

Parte de mim não quer saber a resposta, porque sei que não vai ser verde. Jamais daria uma sorte dessas. Nunca consegui entender direito essa droga de sistema de cores. Pelo que entendi, eles se basearam no antigo sistema de alerta de ataques terroristas, com toda aquela baboseira de "alerta laranja, ou seja, é bom você se cagar de medo de alguém explodir seu avião". É mais ou menos isso. Acho que vermelho é quando a criança consegue explodir coisas e gerar fogo, azul é quando conseguem fazer as coisas se mexerem, e amarelo…

Merda. Os amarelos conseguem manipular a eletricidade. E fazem coisas tipo detonar carros. Merda.

— Você é amarela?

Só depois que ela assente é que percebo que ainda não deu um pio.

— Que foi? Se acha importante demais para falar comigo?

A menina apenas me encara, franzindo o cenho com um olhar de desdém.

— Não consegue falar? — insisto. — Ou não quer?

Ela não responde, e me obrigo a deixar a curiosidade de lado. Até porque essa coisa de não falar funciona muito bem para mim. É mais fácil pensar na menina como uma aberração se ela não pode ou não quer reclamar que está com fome ou gritar até os pulmões explodirem. E, de qualquer maneira, não me importo. Não mesmo. *Dez mil doletas bem aqui do meu ladinho*.

— Alguma chance de aqueles caras virem atrás da gente? — pergunto.

No fim das contas, é só isso que importa.

E vejo a resposta estampada em seu rosto: *não.* Também reparo numa leve pontada de orgulho em seu rosto.

Levo cinco minutos para entender que o que aconteceu com o carro dos rastreadores pode muito bem acontecer com o meu. Pelo que me lembro do manual, os amarelos só conseguem manipular a eletricidade através do toque, então basta vigiar essas mãozinhas e fazer a aberração acreditar que não tem como escapar. Entro com o carro no acostamento e puxo o freio de mão. Meus “suprimentos” não passam de uma bolsa cheia de tudo que consegui comprar do policial que foi demitido por causa da crise. Algemas, braçadeiras, um taser que não funciona, mas que pode muito bem dar um susto.

Minhas mãos ainda estão tremendo, o que é horrível e vergonhoso. Para completar, não tenho a menor ideia de como aquela braçadeira funciona, o que só torna a situação ainda mais humilhante, porque a garotinha resolve fazer tudo sozinha. Sinto seu olhar de julgamento enquanto ela passa a ponta reta por dentro do quadradinho, enfia as mãos no círculo e a aperta nos próprios pulsos, puxando a ponta reta com os dentinhos brancos. Quando ela acaba de se prender, pousa as mãos no colo e olha para mim, cheia de expectativa. Como se perguntasse: *e agora?*

— Não vou salvar você.

Faço questão de deixar claro.

Mas fico me perguntando se ao menos ela quer ser salva.

Três

Não sei o que fazer.

Preciso de gasolina para conseguir dirigir até a delegacia da FEP, em Prescott — a única no norte do Arizona —, mas o posto fica em Camp Verde, ao sul. Para chegar lá, teria que pegar a estrada de novo e correr o risco de encontrar os rastreadores que estão querendo me comer vivo. Sem contar que, se a menina tiver mesmo fritado o carro, é bem capaz de eles ainda estarem lá. Ou de estarem andando pela estrada, esperando alguém passar e ajudá-los.

Por isso acabo voltando para a pousada da Amélia em Cottonwood. Não lembro muito bem o trajeto até aqui, ou se vi o sol de pôr, e muito menos como consegui estacionar, mas já são seis da tarde, segundo o relógio do carro. Pelo visto passei duas horas sentado em silêncio ao lado dessa garota, considerando os mais diversos planos e possibilidades.

Amanhã. Amanhã eles já terão saído de Camp Verde, e a delegacia da FEP vai estar aberta. Depois de abastecer, vou poder dirigir até o norte e trocar a menina por dinheiro e equipamentos novos. Podemos passar a noite aqui. Ela até pode ser uma aberração, mas não deve ser tão poderosa assim. E eu sou bem maior. Acho que consigo barricar a porta do banheiro e largar essa coisa lá dentro, e aí fico vigiando durante a noite.

Esperamos mais vinte minutos para que todo mundo saia, homens e mulheres aproveitando o frescor do crepúsculo batendo papo e fumando um último cigarro antes de se

retirar para seus aposentos. Quando a barra está limpa, puxo a menininha pelo lado do motorista.

Por um segundo me pergunto se estou a segurando com muita força e machucando seu braço, mas preciso admitir: a garotinha é durona. Parece ter acabado de sair de uma jaula de leões, mas mesmo assim caminha ao meu lado pelo estacionamento como se nada tivesse acontecido.

Eu me atrapalho um pouco com a fechadura do quarto. Passo o cartão de plástico barato em todas as direções possíveis, mas o sensor insiste em apitar, a luz vermelha piscando sem parar. Olho em volta, convencido de que Amélia ou um de seus filhos vai aparecer do nada, estendendo a mão para receber o dinheiro antes de reativarem a chave. Mas, antes que eu consiga me entender com a porta, a pequena aberração toca no leitor do cartão, e então a luzinha maldita apaga de vez. Ouço o clique da fechadura se abrindo, e de repente sou eu que estou sendo arrastado para dentro do quarto escuro e bolorento.

Comparado ao trailer em que eu morava com minha mãe, esse quartinho de hotel mais parece o Palácio de Buckingham. Mesmo assim, sinto um leve e irritante desconforto enquanto a menininha olha ao redor. E a vergonha que sinto só aumenta conforme ela fica lá, parada, analisando o quarto com aqueles olhos escuros. Não arrumei a enorme cama queen size antes de sair, e a colcha de retalhos azul-clara horrorosa está amassada e largada no chão. Os dois criados-mudos de cada lado da cama estão cobertos de pacotes de salgadinhos, latinhas de refrigerante e algumas garrafas de cerveja.

A menina respira profundamente o ar parado do quarto, e o sorriso estranho e sombrio em seus lábios sugere que se lembrou de algo triste. A mesa atrás dela está lotada de roupas sujas, só aguardando os cinco dólares que preciso juntar para lavá-las. Não fumo, nunca fumei nem nunca vou fumar, mas os vizinhos de quarto dos dois lados adoram um

cigarro, e juro por Deus: o fedor dá um jeito de atravessar essas paredes finas como papel.

Empurro a menina para o banheiro.

— Vai se lavar — ordeno, assim que ouço alguém bater à porta.

Sinto um pânico dez vezes maior que o da menina, que entra no banheiro e fecha a porta. Não saio de perto, só para me certificar de que ela não está pensando em causar algum problema, até que as batidas à porta do quarto viram socos.

Pelo olho-mágico, vejo um dos filhos de Amélia com uma expressão de poucos amigos. Ele é uns vinte anos mais velho que eu, mas também carrega uns bons quilos a mais debaixo da camisa polo amarelo-néon. Abro só uma fresta da porta, deixando a corrente da trava fechada, um ato mais simbólico do que qualquer coisa, claro, porque ele conseguiria abrir a porta sem a menor dificuldade, se quisesse. .

— Pois não?

Não consigo de jeito nenhum me lembrar do nome dele. É o filho que já está ficando bem careca — o outro parece que deixa a mãe cortar sua cabeleira grisalha. Dá para ver que ele está se perguntando como consegui entrar.

— Você vai ter que sair daí hoje à noite se não pagar o que deve — avisa ele. — *Achei* que isso já estivesse bem claro.

— Eu vou pagar… — falo, começando a inventar uma desculpa, mas então me lembro do bolo de dinheiro em meu bolso.

Não consegui checar quanto havia ali quando roubei, então começo a contar nota por nota, deixando-o ver bem o que estou fazendo. É aí que a torneira vagabunda começa a fazer barulho, anunciando que ainda funciona. O sei-lá-quem ergue os olhos, tentando se enfiar ainda mais no espacinho entre a porta e o batente.

— Você sabe que vai ter que pagar a mais se tiver mais uma pessoa dormindo aí — reclama.

— Ah, ela não vai passar a noite — respondo, mexendo as sobrancelhas com um ar sugestivo. — Sabe como é.

Só que me parece bem óbvio que esse cara não tem a menor ideia de como é. Sem falar que, considerando a idade da minha "convidada", essa foi uma das coisas mais horríveis que eu já disse na vida.

— Aqui, toma. Cem dólares. — Entrego o dinheiro, guardando mais duzentos no bolso. Que beleza. — Amanhã eu deixo vocês em paz para sempre.

O cara olha para as notas de vinte na minha mão, desconfiado, como se fosse dinheiro de mentirinha.

— Onde você arranjou isso? — pergunta, arrancando o dinheiro da minha mão e contando as notas. — Por acaso você anda fazendo alguma coisa errada por aqui? Algo que a gente ia querer saber?

— Só recebi um dinheiro por um serviço de mecânico que fiz aí — explico. Então levanto três dedos e completo: — Palavra de escoteiro, juro pela minha honra.

— Você não saberia o que é honra nem se ela aparecesse aqui agora e cuspisse na sua cara, moleque — resmunga o sujeito, ainda encarando a porta do banheiro no outro lado do quarto, vendo a sombra dos passos da menina pelo vão da porta. Ele olha para lá, pensativo, como se finalmente estivesse entendendo o que eu quis dizer anteriormente. E agora parece muito interessado. — Ela já acabou o serviço com você?

Bem, pelo menos não sou o cara mais babaca dessa pousada.

— Ela já está com a agenda cheia. — Essas palavras quase me fazem vomitar. Então agora tudo bem receber prostitutas no hotel, que nunca foram consideradas *boa coisa* nesse lugar de gente tão decente. — Foi mal, cara.

O dinheiro já sumiu em sua mão gorducha.

— Quero você fora daqui até meio-dia. Nem um segundo depois.

— Claro — respondo, concluindo que agora só lhe resta ficar ali para uma boa olhada na minha "convidada", esperando para segui-la até o estacionamento. Meu Deus. — Ótimo.

Bato a porta na cara dele, antes que o maldito consiga dizer mais alguma coisa, e fecho bem a tranca. Vejo que ele fica mais um tempinho ali e só dou as costas quando o homem finalmente desiste e vai embora.

Recostado na porta, checo o que resta das comidas que comprei duas semanas atrás. Tenho um pacote de salgadinho, um copinho de macarrão instantâneo, um saco de pão e manteiga de amendoim. Só percebo como estou faminto quando vejo que não tenho muito o que comer. Talvez eu possa pedir alguma coisa, mas é o tipo de luxo que com certeza atrairia a atenção dos outros residentes do hotel da Amélia. Não posso sair para comprar comida e largar a menina aqui sozinha. Ela vai fugir assim que eu botar os pés para fora do quarto. Ah, acho que ela vai sobreviver só com um sanduíche. Crianças adoram manteiga de amendoim.

A não ser que ela seja alérgica, claro.

Está bem, então. A menina fica com o macarrão. Só preciso tomar o cuidado de ficar bem longe enquanto ela come, para essa maluca não decidir jogar o caldo quente na minha cara.

Jogo o restante da água do galão numa caneca lascada, que enfio no micro-ondas. Depois, derramo a água direto no copinho de isopor; meu estômago começa a rugir assim que sinto o cheiro do tempero de galinha caipira.

E se ela for vegetariana?

Mas que merda! Para com isso! Ela não tem como decidir ser vegetariana.

É um ser vivo com suas próprias necessidades, mas não é humana.

É um ser vivo com suas próprias necessidades, mas não é humana.

É um ser vivo com suas próprias necessidades, mas é uma aberração.

E esse ser vivo já está há uns quinze minutos no banheiro, com a água ligada. Permito que minha mente se distraia com a probabilidade de alguém se afogar numa pia cheia antes que eu consiga correr até o banheiro. A porta não tranca mais, está quebrada desde que cheguei aqui, e a menina não teria como me impedir de entrar.

A primeira coisa que vejo são as pilhas de papel higiênico sujo de sangue no balcão. Ela abriu a torneira no máximo, e o ralo, que num dia bom só funciona mais ou menos bem, não dá vazão. A pia transbordou, e a água agora escorre pelo piso. A luz do espelho ilumina tudo com um brilho lúgubre.

A menina está encolhida no chão, no pequeno espaço entre a privada e o chuveiro, escondendo o rosto. Ela treme um pouco, mas o único som que consegue emitir são fungadas deprimentes. Ela esfrega o rosto, e me dou conta de que não cortei as braçadeiras em seus pulsos. Meu estômago começa a se contorcer de preocupação.

Quando ela finalmente se vira para mim, apenas seus olhos vermelhos denunciam o choro. O corte da testa já está cicatrizando, mas ela conseguiu abrir um machucado antigo no queixo.

— Espera aqui. Não se mexe — peço.

Tenho um pequeno kit de primeiros socorros que comprei da antiga enfermeira do colégio. Não sei se ela podia vender os suprimentos, mas nossa turma foi a última a se formar antes de fecharem as escolas, então achei que não adiantava fingir que ainda usariam aquilo tudo.

As bandagens que tenho são grandes demais, mas vão servir. Digo a mim mesmo que vale a pena gastar os suprimentos médicos com ela, porque senão os FEP poderiam descontar um pouco do dinheiro da recompensa

para cobrir os “custos médicos”, mas a verdade é que é difícil ver o rosto dela naquele estado.

Estou abrindo o band-aid quando a luz do espelho começa a zumbir e piscar. Olho para ela por trás da franja escura e falo:

— Se você me der um choque, quebro a sua cara.

Aquela expressão vazia e indiferente em seu rosto finalmente some, e é substituída por um revirar de olhos. Ela bufa, impaciente.

Eu trabalho rápido e sem muita delicadeza, mas a garota aguenta tudo aquilo muito bem. E não fala nada. Tenho que conter a irritação que sinto com aquele silêncio. Seria muito mais fácil se aquela aberração fizesse alguma coisa, nem que tentasse fugir ou me atacar. Parece que só está esperando que eu faça algo de errado para tentar fugir — ou então só está achando hilária a minha falta de jeito. Aposto que o pessoal da minha cidade também está achando tudo muito hilário.

— Fiz o jantar — anuncio, tentando preencher o silêncio.

A aberração simplesmente me encara, e o canto dos lábios treme um pouco, como se ela estivesse prestes a sorrir, e aí tenho certeza: ela me acha mesmo ridículo.

Talvez eu esteja fazendo tudo errado. Eu não devia dar comida para ela. Talvez seja melhor só alimentá-la se ela se comportar direitinho? Acho que a menina não tem muito medo de mim. Mas devia! Ela deve saber o destino que a aguarda.

A garota se senta para comer o macarrão que deixei em cima da mesa — que agora está vazia; não quero que ela derrame nada nas minhas roupas. Pego a faca que roubei do menino morto e meio que... ah, sei lá. Só começo a fazer uns malabarismos. Mas como é preciso muita concentração para comer com as mãos atadas, sou solenemente ignorado.

Quando ela termina, sinto a frustração e a vergonha borbulhando dentro de mim. Agarro-a pelo braço e a arrasto

da cadeira, já bolando um plano enquanto a conduzo até a cama. Forço a menina a se deitar no chão, tentando não me comover ao vê-la se encolhendo de medo.

— Não se mexa! — mando.

Só me afasto por tempo suficiente para pegar as algemas na mala. Seus tornozelos são tão fininhos que consigo prender um deles com a ponta da algema, fechando a outra ponta no pé da cama, escondido por trás do saiote de tecido.

E, mais uma vez, ela simplesmente me encara. Sinto meu rosto queimando, e sei que estou corando igualzinho a como acontecia quando eu tentava segurar o choro, quando ainda era uma criança idiota. O curativo em seu queixo o deixa bem mais pontudo quando ela inclina a cabeça para trás.

— Para com isso — aviso, sentindo a raiva ressoar na minha cabeça como um bando de vespas desesperadas. — Ou você vai ter o mesmo fim que os seus amigos, então para de olhar para mim. Não, não, *para com isso!*

Detesto gente chorona. Eu me viro de costas para ela quando vejo que está prestes a desabar. Então me pergunto — e isso só me deixa mais irritado — se ela estava chorando no banheiro porque sabia o que eu ia fazer, ou se era por causa do que aconteceu com os amigos. Ou melhor, do que ela achava que tinha acontecido, já que não dava para ter muita certeza.

E porque eles estavam viajando juntos, afinal? Pego o manual na cabeceira e dobro a brochura mole de um lado para o outro. Aquela outra menina asiática era irmã dela? E é sério que a própria irmã tinha abandonado a menina, só para tentar se salvar? Nossa, hein. É isso que as habilidades fazem com eles? Transformam todos em animais sem sentimentos que sabem que só os fortes sobrevivem…

PARA JÁ COM ISSO.

Como se a situação já não estivesse desconfortável o bastante, 2-A, o vizinho da direita, parece também ter uma

convidada. Já ouço a cabeceira da cama dele batendo na parede onde fica a minha cama, e corro em busca do controle remoto antes de começarem os gemidos. Estática, estática, estática, jornal, reprise de programa de auditório... Acabo deixando no canal que passa *Quem quer ser um milionário?* e boto o volume no máximo. Sério, eu devia ter deixado essa aberração maldita para trás e tentado encontrar alguma outra mais perto de Phoenix. Essa atitude dela me dá nos nervos, já estou por um fio. Ela fica fingindo que é ingênua e fofinha só para me conquistar, para me colocar nessa posição — que é exatamente onde estou agora, aliás — de achar que ela não consegue lidar com a realidade dura da vida.

Deve ter alguma coisa nesse manual sobre os FEP virem buscar uma criança, para eu não ter que dirigir com ela até Prescott. Não gosto do turbilhão de perguntas na minha cabeça, questionando se não seria melhor oferecer à garota um travesseiro ou um cobertor, ou cogitando a probabilidade de ela lançar uma carga de energia na cama e me matar durante o sono.

Encontro uma breve descrição do que cada cor representa, mas o manual não mostra nenhuma das teorias sobre o que causou essa "mutação", como eles escolheram chamar. *As habilidades variam em força e precisão de acordo com o Psi em questão*. Ótimo. Claro que o destino vai me dar de presente justamente a aberração que tem *força* e *precisão* capazes de explodir um carro.

* * *

Acho impressionante pensar que, apesar de isso estar acontecendo há tanto tempo, ninguém chegou nem perto de descobrir a causa do problema ou a solução. E o resto do povo também acharia uma maravilha se Gray lembrasse que, além de tudo, também deveria estar tentando resolver a economia, e não só gastando rios de dinheiro em

pesquisas sobre esse suposto vírus. Que importa salvar a "próxima geração de americanos", se não conseguimos nem manter a atual viva com o pouco que temos? Ninguém mais quer ter filhos agora que as crianças têm grandes chances de morrer depois de alguns anos de vida. A taxa de natalidade está baixíssima, e ninguém entra nem sai do país, porque estão todos morrendo de medo que o vírus se espalhe. Hoje em dia, todos só querem falar no futuro, sem nunca nem tocar no presente. Ninguém quer saber de como consertar as coisas *agora*. "Como os Estados Unidos vão continuar avançando, depois de perder uma geração inteira?", pergunta o radialista. "Se conseguirmos reabilitar os PSI, como vamos reintroduzi-los na sociedade?", indaga o jornal *The New York Times*. "Será o fim dos tempos?", questiona o pastor na televisão.

Talvez todo mundo acabe morrendo, e aí as aberrações podem herdar o país. Mas acho que ninguém quer nem mencionar essa possibilidade.

O manual não fala nada sobre os FEP virem coletar as crianças, claro, mas encontrei isso: *Se você sente que está em perigo eminente, e o PSI sendo perseguido é classificado como vermelho, laranja ou amarelo, é possível requisitar reforços de rastreadores próximos através da rede. As Forças Especiais Psi e o governo dos Estados Unidos não se responsabilizam por nenhuma disputa de recompensa que isso possa gerar.*

Bem… parece que pedir ajuda está fora de questão, considerando que tenho zero acesso à rede de rastreadores.

Rolo para fora da cama, dando uma volta para evitar a aberração no chão, e vou pegar alguma coisa para comer no frigobar. *Amanhã o jantar vai ser bife. Pizza. O que você quiser*, digo a mim mesmo, passando uma boa quantidade de manteiga de amendoim numa fatia de pão seco. Mas pensar em ter que lidar com tudo isso de novo amanhã só me deixa ainda mais exausto. Nem me imaginar pulando em um montinho de dinheiro na cama vagabunda desta

espelunca e uma chuva de dólares caindo sobre mim é capaz de me animar.

A cerveja me deixa tão tonto que parece que tomei antialérgico. Ah, que saudade dos dias de glória do ensino médio, quando eu entornava uma garrafa atrás da outra toda sexta-feira, depois dos jogos da escola. Eu virava a madrugada e assistia ao pôr do sol do telhado da casa do meu amigo Ryan. Hoje em dia, um copo me derruba.

Mas não quero pensar no Ryan, e nem em nenhum deles. Todos me deixaram para trás, sumiram num mundo de segredos e uniformes pretos. Não tem problema, juro. Só que, às vezes, penso em como queria que um deles tivesse brigado um pouco por mim, para que eu fosse junto. É difícil ser deixado para trás, ser a pessoa que nunca foi embora.

Já estou caindo no sono, com o manual aberto sobre o peito, quando o programa de TV acaba. Acho que cochilei um pouco, porque quando dou por mim estou ouvindo Judy Garland cantando, em sua voz inconfundível, e me encarando com aqueles olhos escuros enormes enquanto tento focar a visão. É aquela famosa música sobre um lugar além do arco-íris, cheio de amor e coisas maravilhosas. Ela está com seu cachorrinho, sob o céu sépia do centro-oeste dos Estados Unidos. Quando abro os olhos de novo, a casa está girando no meio do tornado.

Tateio a cama em busca do controle remoto bem na hora que Dorothy abre a porta da casa e dá de cara com o mundo tecnicolor de Oz.

É... mais legal do que eu me lembrava. Meu pai me obrigou a ver esse filme com ele quando eu tinha uns sete ou oito anos, e só me lembro de achar os efeitos especiais horríveis, em comparação aos do filme de ação que eu tinha visto no cinema, na noite anterior. Odiei tudo no filme, até mesmo o sotaque de Dorothy.

E, no instante em que surge aquela enorme bola cor-de-rosa, na hora em que a bruxa boa sei lá das quantas chega com seu vestido cheio de frufru — juro por Deus, no exato

instante! —, sinto a cama se mexer de repente. A aberração algemada ao pé da cama se contorce, tentando chegar mais perto da tela.

Eu me levanto um pouco, apoiado nos cotovelos, e olho para ela no escuro. A menina se ajoelhou numa posição que não parece muito confortável. A algema deve estar machucando, mas ela parece nem sentir. Vejo o reflexo de seu rosto na tela da TV, os olhos arregalados de espanto, os lábios se abrindo numa surpresa contida — tudo isso antes mesmo de os Munchkins começarem a cantar e a dançar. Ela está fascinada, como se visse aquilo pela primeira vez. Impossível. Quem nunca viu *O Mágico de Oz*?

Bem, ela está quieta e distraída — e, para ser sincero, estou com preguiça demais de pegar o controle do chão —, então deixo a TV ligada e apago o abajur no criado-mudo. Tento dormir, mas não consigo. Não é que o volume ou a claridade estejam me atrapalhando. É que quero assistir também. Meu cérebro fica tentando desvendar por que meu pai insistiu que eu visse o filme do começo ao fim. Procuro por resquícios dele na história, como sempre faço com tudo o que ele amava. Alguma fala que ele sempre repetia, algum ensinamento que ele levava para a vida... e, na verdade, só o que vejo é um mundo doce e colorido que deve ter trazido alguma alegria nos dias mais difíceis, quando ele mal conseguia se levantar da cama.

Mas não quero pensar nisso. Não quero despertar as memórias de meu pai porque já estou muito deprimido. Essa doença louca desse vírus levou todas essas crianças muito cedo, mas meu pai teve que conviver com sua doença durante seus sessenta anos de vida, durante os anos bons e os ruins — e os horríveis, depois que perdeu o restaurante. Até que o peso foi demais, e ele simplesmente afundou.

Quase dou risada quando os personagens começam a ditar a moral da história: tudo o que buscavam na verdade já estava dentro deles esse tempo todo, dentro de nós

mesmos moram nossa força e nossas qualidades. Querem que a gente pense que o mal e a escuridão são coisas que só existem no mundo lá fora, mas eu sei que não é verdade. E acho que essa aberração também sabe. Às vezes, a escuridão vive dentro e nós e, às vezes, ela ganha.

— Agora sei que tenho um coração — diz o Homem de Lata, quando fecho os olhos e viro as costas para a tela. — Porque ele está partido.

* * *

A garota tem pesadelos durante a noite. Foi o único momento em que ouvi sua voz, e quase morri de medo. Eu me sentei de repente na cama e peguei a faca que deixei no criado-mudo. Estava achando que o quarto tinha sido invadido por algum cachorro do mato ou algum dos gatos selvagens que vivem espreitando pelas lixeiras do hotel. Ainda estava meio adormecido — quase completamente, na verdade. Só me lembro da menina no chão quando me levanto e tropeço nela. Nem tinha cogitado que aquele grito fosse humano. Não era possível. O que sai arrastado de sua boca não são palavras, são gemidos guturais e assustadores.

— *Nãaaaaaao. Por favoooor... Nãaaaao...*

Fico em pé ao lado dela, parado, imóvel, paralisado, pensando se deveria acordá-la. *Acorde essa menina, Gabe. Vamos logo.* Mas sinto que aquilo é uma espécie de limite que não quero cruzar. Significaria que me importo.

E não me importo. Ela pode fazer ou deixar de fazer o que quiser, pode se esforçar ao máximo para dificultar as coisas para mim. Eu simplesmente nunca vou me importar.

A cama solta um rangido alto quando me afundo de volta no colchão. Quase torço para que o barulho a acorde, tirando essa decisão de minhas mãos. As horas se arrastam, e eu fico lá, deitado, tão imóvel quanto consigo. Ela chora a

noite inteira. Eu fico ouvindo, atormentado — mas sinto que mereço todo esse tormento.

Quatro

A MANHÃ IRROMPE numa explosão de luz quando as grossas cortinas são empurradas para o lado com um guincho de protesto dos suportes de metal. A claridade inunda o quarto escuro e mofado tão de repente que meu corpo reage antes do cérebro. Viro para o lado na cama e me levanto, cambaleante, protegendo os olhos com os braços.

Merda. *Merda!* Dormi demais, que horas são, onde está a…

Algumas coisas entram em foco bem depressa. Primeiro a pilha de roupas limpas em cima da bolsa de viagem, logo à esquerda da porta. Sinto o cheiro de amaciante daqui e me aproximo, confuso. De canto de olho, vejo uma pequena silhueta sentada à mesa, diante de dois pratos contendo donuts açucarados, frutas secas e pretzels, e ao lado a jarra de manteiga de amendoim aberta. Embalagens de plástico quase transbordam da pequena lixeira do quarto, que mal fecha. Sei exatamente de onde veio aquilo tudo: das máquinas de comida na lavanderia.

Vou até a mesa. A menina está de costas para mim, passando manteiga de amendoim muito delicadamente em cada pretzel do prato. A braçadeira no pulso sumiu, assim como as algemas. E ela trocou as roupas imundas e ensanguentadas por uma camiseta rosa e bem larga da Route 66 e calças jeans, com a bainha dobrada várias vezes. Fico olhando as roupas, sem entender nada, até que me lembro de uma caixa de roupas cheia de roupas de criança para doação que parece ter residência permanente na lavanderia.

Fora a cama bagunçada, de onde acabei de sair, o quarto está impecável. O lixo sumiu, e ela chegou até a abrir uma fresta de uma das janelas, para arejar o ambiente. Vou até lá pisando firme e fecho as cortinas com força. O quarto mergulha na escuridão, mas não me importo. É mais fácil assim.

— Você é *idiota*? — grito. — Acha que isso vai funcionar comigo? Acha que vou ser legal com você se você for legal comigo? É tão burra a ponto de achar que eu vou *ajudar* você?

Ela se encolhe de leve na cadeira, mas não desvia o olhar. Nem ao menos pisca. Eu não consigo evitar, sei que ela é uma aberração, sei que eu não deveria nem falar com essa menina, não dar a mínima para o que ela faz, muito menos me deixar abalar pela situação, mas tudo parece explodir dentro de mim, a raiva confunde todos os meus pensamentos.

Se ela não estava tentando fazer um joguinho comigo, no mínimo achava que eu não conseguia cuidar de mim mesmo sozinho, muito menos dela. E fez aquilo tudo só para jogar na minha cara, aposto! Era uma afronta clara! Por que ela não fugiu? Eu obviamente não sei algemar alguém, não soube mantê-la prisioneira e nem ao menos percebi que ela tinha saído da droga do quarto sozinha.

Por que eu achei que daria conta? A aberração não fala absolutamente nada, mas só de olhar para a cara dela já sei o que deve estar pensando. “Ele é um fracassado, é burro como uma porta, deveria estar limpando trailers ou coisa do tipo.” Ela é igualzinha aos outros.

Mas não sou um fracassado. Não sou. Eu juro.

Consigo fazer mais que isso. Sei que consigo. Essas aberrações todas sabem como mexer com sua cabeça, sabem fazer você duvidar de si mesmo, mas eu não vou cair nessa. Não mais. O relógio mostra que ainda é oito da manhã, mas já deve estar aberto. Vou me livrar dela de uma

vez e acabar logo com isso. Vou arrancar do peito esse peso enorme que está me consumindo.

— Você não está mais no Kansas, Dorothy. As pessoas aqui não são boazinhas. Não são suas amigas. *Eu* não sou seu amigo.

Ela me ignora, balançando as pernas na cadeira enquanto devora o café da manhã. E só recebo aquele olhar — agora estou começando a chamar de *aquele olhar* — em resposta: uma sobrancelha arqueada, os lábios apertados, os olhos reluzindo com um brilho que diz “Fala sério”.

Deixo a comida pra lá, agarro o braço dela e, ignorando quando ela se encolhe, assustada, arranco-a da cadeira. Prendo duas braçadeiras em seus pulsos, sem me importar com o leve gemido de dor. Vamos embora. Agora mesmo. Vou mostrar para ela que estou falando sério. Ela vai entender que deveria ter fugido quando teve oportunidade.

Ela está enganada a meu respeito.

* * *

Decido me arriscar e ir direto para Prescott sem nem passar em Camp Verde para comprar gasolina antes. Agora que começaram as perfurações no Alaska, os caminhões de gasolina voltaram a circular pelas estradas, mas o posto de Camp Verde é o único que recebe entregas frequentes. Não que eu tenha medo de encontrar os rastreadores na estrada, longe de mim, só quero acabar logo com isso e começar a caçar de verdade.

Vou encarar isso aqui como um teste. Prática, apenas.

E minha aposta dá certo. Encontro um posto de gasolina no caminho. Mas duzentos dólares mal dão para meio tanque. *Encho o restante na volta*, penso, acenando para o atendente da lojinha. Quando volto para a caminhonete, presto atenção na estrada e na floresta de pinheiros ao redor do posto. Já ouvi muitas histórias dos ladrões de gasolina, e parar o carro sempre me deixa nervoso.

Abro a porta do passageiro e me inclino para esconder a menina encolhida no chão do carro. Não permito que ela reclame e nem que se mova. Deixei a garota no carro contando com a falsa sensação de segurança dela ali dentro, imaginando que ela não fosse fugir e arriscar ser vista, mas não posso mais contar com isso.

O manual recomenda o uso de luvas de borracha para conter o poder das aberrações amarelas. Se eles não tiverem contato, não conseguem controlar a eletricidade. Mas o melhor que encontrei no posto foi o modelo de luvas que minha mãe usava para lavar louça. Sei que não são grossas o bastante, mas vou botar duas em cada mão e torcer para dar certo.

Uso a faca para cortar as braçadeiras, e a menina se inclina um pouco para a frente, massageando os pulsos com um leve sorriso de agradecimento. Ela pode não falar, mas seu rosto é incrivelmente expressivo. Faz cara de nojo quando pego as luvas no bolso de trás e tento enfiá-las em suas mãos. É a primeira vez que ela oferece qualquer resistência, lutando para valer, batendo e chutando até me deixar com hematomas nos braços. Enfim está se comportando como uma criança birrenta, o que me deixa confuso e inseguro. Nem me dou ao trabalho de ajeitar cada dedo no lugar certo, por mim ela pode ficar com as mãos fechadas lá dentro. Uma braçadeira em cada pulso vai ser mais do que o suficiente para segurar as luvas no lugar.

A garota não perde a postura desafiadora, mas seus olhos escuros ardem com a dor da traição. Já vejo um plano se formando em sua mente, mas corto qualquer possibilidade antes que crie raízes.

— Se tentar gritar, sair correndo ou chamar atenção, vai se ver comigo. Tenho um taser que aposto que você vai adorar conhecer, já que gosta tanto de eletricidade.

Bato a porta na cara dela e vou andando até a mangueira da gasolina; tenho a sensação de encolher a cada passo. Acho que era disso que Hutch falava quando disse que só

verdadeiros monstros gostam desse trabalho. É preciso usar a força. Se não ensinamos às aberrações como se comportar, acabamos comendo na mão delas.

Não paro de pensar que nenhum de nós estaria nessa situação se não fosse por essas crianças. Se elas não tivessem virado aberrações, se as outras não tivessem morrido, as coisas ainda estariam como antes. Minha mãe estaria em casa, cuidando do jardim, e meu pai estaria vivo, dando tudo de si para manter o restaurante aberto e os clientes satisfeitos. E, sabe, fico imaginando que tipo de pessoa seria o Gabe dessa realidade paralela.

* * *

De acordo com o manual, todas as bases e os centros de recrutamento da FEP são obrigados a aceitar fugitivos PSI que estejam sob a custódia de rastreadores, inclusive pagando a recompensa. Esse é só um centro de recrutamento com escritórios administrativos; a verdadeira base de operações fica em Phoenix, onde mora a maior parte da população do estado.

Posso estar exagerando, mas acho meio cruel que tenham se instalado numa antiga escola primária.

Não vejo nenhuma movimentação na porta, mas o estacionamento está cheio dos carros mais diversos, de latas-velhas como a minha caminhonete até vans e jipes militares. Algemo a garota pelo pulso em uma barra de metal embaixo do banco do carona, saio e tranco a porta. Ela não implora por misericórdia e nem chora — não que eu estivesse esperando por isso, claro —, mas também não parece resignada com seu destino, o que, considerando as mágicas dignas de Houdini de hoje de manhã, me deixa um pouco preocupado.

Quero analisar a situação antes de levá-la para dentro. Preciso ir com calma. É o que me parece mais sensato. Quero que eles me registrem na rede e me deem toda a

parafernália de que vou precisar. Hutch disse que eles às vezes enrolam muito, na esperança de que a pessoa desista de receber o tratamento decente; que vão fazer de tudo para tornar as coisas bem frustrantes e difíceis — ou pelo menos foi sua justificativa para ter desistido depois da primeira captura.

Dez mil dólares, lembro a mim mesmo. Um futuro. Ou pelo menos um começo.

A Escola Primária Lincoln fica num imponente prédio de tijolos aparentes, uma construção clássica que muitos dos novos edifícios da segunda metade do século não conseguem imitar. Um FEP uniformizado me recebe na porta, com o rifle apoiado no ombro. Já vi fotos e filmagens dos agentes, mas… nossa! Eles são muito mais intimidadores ao vivo. Quem quer que tenha decidido copiar o esquema de cores preto e vermelho do Darth Vader sabia muito bem o que estava fazendo.

— O que você quer?

Tudo menos levar um tiro.

— Eu vim aqui para… — Fico sem palavras.

O salão de entrada da escola foi todo modificado e ficou muito parecido com uma delegacia. Há várias mesas com FEPs uniformizados e na fila, esperando para serem atendidos, vários homens e mulheres com roupas camufladas.

Não vi nenhuma criança, mas talvez o normal seja levá-las pelos fundos.

— Quantas vezes vou ter que dizer para você *conferir a porra dos formulários*? — grita um FEP, no fundo do salão.

O sujeito ao lado dele se levanta de repente e bate com força na mesa, assustando o FEP que o atendia.

— Já procuramos o número da placa no sistema! Ele ainda não está registrado!

O homem ao lado dele fala alguma coisa, e só duas palavras atravessam o salão: “presa” e “roubada”. Antes

mesmo de eles se virarem para sair, sei que estou a menos de cem metros dos barbudos.

Puta merda.

Dou alguns passos para trás e saio dali, sem nem reparar nas desculpas que inventei e murmurei para o soldado na porta. Corro para o estacionamento.

Parabéns pela discrição, Gabe!

Merda, merda, *merdamerdadera* — mesmo se eu decidir esperar que os caras saiam, os agentes dessa delegacia vão reconhecer o número da placa quando eu preencher o formulário. Sem falar que provavelmente há câmeras na porta que registraram todo o meu comportamento suspeito.

Phoenix. Dá para chegar lá. Vou mudar de roupa, botar chapéu e óculos, pegar a placa de algum carro abandonado na estrada I-17 e colocar na minha caminhonete. Fica a menos de duas horas daqui. Se a gasolina virar um problema… bem, aí eu penso em alguma coisa.

Agora que tenho um plano me sinto melhor. Acho que é isso que eu deveria ter feito, logo de cara. Mas tudo bem, aprendi a lição.

A garota ainda está sentada no chão do carona quando me jogo para dentro do carro. Ela tenta esconder de mim um papel pautado todo amassado que estava lendo, mas, de cima, consigo ler pelo menos o começo:

Nós te amamos. Se precisar de ajuda, é só procurar…

Procurar quem?

— Muito bem, Dorothy — começo, virando a chave na ignição. Eu me esforço para pensar em alguma desculpa que não seja muito patética. — Não estão aceitando aberrações nessa delegacia. Parece que você tem mais duas horas de liberdade.

Olha, posso jurar que a menina sacou direitinho a mentira, e… digamos que não parece muito impressionada. Engato a ré, e ela se senta de volta no banco do passageiro, largando as algemas no suporte para copos entre nós.

Ah, não. É sério isso? Como assim?!

A menina solta um suspiro, mas aceita revelar seu truque. Segurando as algemas em uma das mãos, ela pega o que parece um grampo de cabelo do bolso. Divido a atenção entre ela e a estrada, e a menina enfia a pontinha do grampo num buraquinho das algemas que eu nunca nem tinha visto. O círculo de metal se abre de repente.

— Nossa, garota, isso sim é instinto de sobrevivência, hein.

Agora já sei que algemas são inúteis com ela. Vou investir nas braçadeiras.

Essa menina está tentando me ensinar a fazer meu trabalho. Embora uma pequena parte de mim esteja impressionada pelas habilidades dela, a maior parte só quer deitar no meio da estrada e esperar um carro passar por cima. Toda a raiva de hoje de manhã drenou minhas forças, e de mim só restou cansaço e humilhação.

— Isso não é um resgate — lembro a ela.

Mas a garota estende a mão — com braçadeira e tudo — e liga o rádio. Para mim é hip-hop ou silêncio, então claro que ela consegue encontrar a única estação tocando Fleetwood Mac e se acomoda outra vez no banco.

— Ah, não, nada disso — retruco, desligando o rádio.

Ela liga o rádio de novo e aumenta o volume bem na hora que começa a tocar uma música do Led Zeppelin, acho eu. Estico a mão para abaixar, mas ela me lança um olhar como se fosse colocar fogo em mim.

— Nossa, tá bom, credo.

Vou pensar nisso como se fosse a última refeição de um condenado à morte. Ela só vai ter isso. E mais nada.

* * *

Cinquenta quilômetros depois, o pneu traseiro direito da caminhonete fura, logo na entrada de Black Canyon City. E sabe quem troca?

Adivinha.

Adivinha.

Não sou idiota. Já vi meu pai trocar um pneu, só que nunca tive que fazer isso sozinho. Mal consigo parar o carro no acostamento sem surtar. E, enquanto isso, Dorothy salta do carro tranquilamente, ainda de mãos atadas, e dá a volta até o porta-malas, procurando pelo estepe, mas sei que Hutch era mão de vaca demais para comprar. A cara que ela faz quando chego no porta-malas pode ser traduzida por uma única palavra: “Jura?”.

Hoje em dia, a rodovia I-17 é tão tranquila que dá para andar ao longo da fileira de carros abandonados na beira da estrada sem nem se preocupar em ser visto.

Nossa, será que é assim que essas aberrações — essas crianças — vivem? Sempre com medo, olhando para trás, fugindo ao menor sinal de um carro passando, porque basta atrair a atenção da pessoa errada, por questões de segundos, para tudo ir por água abaixo. Eu só preciso me preocupar com outro rastreador que tente roubar minha presa, mas ela precisa ficar atenta a tudo, de rastreadores a vovozinhas com acesso a um telefone.

Paramos perto de um carro, e a menina se abaixa para inspecionar o pneu, franzindo a testa até que fique toda enrugada, como se ela estivesse tentando medir mentalmente se aquele pneu tem as mesmas dimensões dos outros.

Dorothy estende as mãos para mim, e fico olhando, confuso. Ela indica as mãos com a cabeça, sacudindo os braços de leve, e finalmente entendo.

— Você vai fugir?

Ela revira os olhos.

— Mas vai com calma, hein?

Só corto a braçadeira, esperando que ela tire as luvas sozinha. Mas ela só ajusta os dedos dentro de cada buraco, as luvas ridiculamente grandes em suas mãozinhas, cobrindo até depois dos cotovelos; quase como luvas de um super-herói.

Eu me abaixo ao lado dela, que usa o pequeno kit de ferramentas para tirar a calota e depois solta cada parafuso do pneu. Faz tudo com rapidez e precisão, mas devagar o bastante para que eu consiga entender.

— Quem ensinou você a fazer isso?

Não tenho ideia de como deixei essa pergunta escapar. Talvez seja porque está fazendo um lindo dia — o sol está quente, e não sufocante, e uma brisa agradável e refrescante acaricia a montanha, atravessando o vale. Já faz um tempo que nos afastamos das florestas perenes e entramos no deserto propriamente dito, mas juro que o ar ainda tem aquele cheiro de mata fresca. É esse tipo de paisagem que todo muno vê no Arizona; as montanhas onde cresci parecem mais com o Colorado.

— Seu pai? Ou seu irmão? É, foi seu irmão?

Dorothy faz uma pausa no trabalho e ergue dois dedos para mim. Para minha surpresa, sei exatamente o que ela está tentando dizer.

— Você tem dois irmãos? E onde é que eles estão?

Pergunta errada. Vejo uma sombra passar por seu rosto. Ela apenas dá de ombros, tensa.

— A outra menina asiática era sua irmã? A que fugiu? Não? Sério? Mas você tem irmã?

Muito bem, dois irmãos e uma irmã. Interessante. Se não estão com ela, ou eram velhos demais para serem afetados pelo vírus, ou estão em acampamentos, ou morreram. Mas, pelo jeito que seu rosto se enche de alegria quando ela “fala” deles, provavelmente não estão mortos.

Então onde estão? Se eu tivesse uma irmã mais nova, tomaria conta dela. Teria lutado até morrer para tentar mantê-la em segurança, e jamais teria deixado que ela fugisse com outras crianças. E aonde estavam indo? Só vagavam pelo país, sem rumo?

Lembro como ela chorou no banheiro achando que eu não estava ouvindo, e morro de ódio quando sinto meu coração se apertar até quase explodir. Não deveria ter perguntado

nada disso, não importa quanto estivesse curioso. Porque você olha para essas aberrações e se esquece do que elas são capazes de fazer, fica só pensando nas pessoas que elas conheciam, de onde vieram, do que gostavam de brincar com os amiguinhos... E aí de repente você entre num terreno muito perigoso. Começa a deixar esses sentimentos crescerem, e, quando menos espera, as aberrações voltam a ser crianças, de joelhos ralados e roupas sujas, sempre mexendo onde não devem. Eles são só... criancinhas.

E tem ainda menos escolha do que eu.

Dorothy faz sinal para que eu saia de perto e vá pegar a placa do carro para fazer a troca. Não sei como ela sabe que eu precisava mesmo fazer isso, deve ter sacado, com toda a sua experiência. Talvez seja assim que essas crianças sobrevivem tanto tempo escondidas: mudando de carro sempre para despistar. E, quando não conseguem um carro novo, simplesmente mudam de placa.

Que esperto. Que outros truques ela sabe?

Além de caber perfeitamente, o novo pneu nos inspira a trocar os outros três. É melhor, mesmo, já que estão todos bem gastos e meio vazios. Duvido que Hutch tenha sequer pensado em trocar os pneus da frente pelos de trás, ou que ao menos trocasse de pneus de vez em quando, como sei que deve ser. Quando a pessoa vive com o mínimo, esse tipo de necessidade vira luxo.

Só bem depois, quando estamos sentados a algumas quadras do restaurante onde comprei sanduíches, com as janelas abertas e uma música dos Rolling Stones tocando alto, lembro que não voltei a prender os pulsos dela. E que ela tirou as luvas para comer e não as colocou de volta.

E não me importo.

— Qual é o seu nome, Dorothy? Seu nome de verdade?

Ela molha o dedo no ketchup que pingou na embalagem do sanduíche e escreve, com movimentos ágeis e delicados: *ZU.*

— Zu? — pergunto, testando a sonoridade. — Mas que nome é esse?

Ela estica o braço e me dá um soco no ombro. *Ai*. Consigo disfarçar, mas preciso de toda a minha força de vontade para não esfregar o lugar machucado. Ela me encara, gesticulando, como se quisesse dizer que preciso dizer meu nome em troca.

Mas, cara... Não sei, não. Não sei qual o sentido disso, não sei nem o que estou fazendo. Tudo está voltando a ficar difícil demais. Foi ótimo viver esses dez longos minutos sem lembrar o motivo de estarmos aqui, e reparo que minha mente já começa a fazer perguntas estranhas. Mas como essas crianças podem ser tão ruins? Como qualquer ser não humano pode gostar de sanduíches e do Mick Jagger e saber trocar pneu? Começo a pensar que talvez aquilo que nos aterroriza nessas crianças seja justamente o que precisam fazer para sobreviver ao tsunami de ódio e medo que criamos para elas.

— Foi mal — respondo, só porque sei que ela vai ficar irritada. — Mas você continua sendo a Dorothy.

Sinto como se alguém tivesse me agarrado e me jogado de cabeça num mundo ligeiramente diferente do meu: Mais colorido, mais vibrante. Ou pelo menos sem um pouco da camada de poeira e fuligem que foi se acumulando sobre nossa vida, depois de tantos anos de negligência. Não sei mais o que é certo e o que é errado, mas sei que é aqui que quero ficar.

Cinco

Nossa próxima parada é num posto de gasolina isolado no Deer Valley, logo ao sul de Anthem e de Cave Creek. Duvido que Zu conheça o Arizona bem o bastante para saber que estamos perto de Scottsdale, e que de lá é um pulinho para Phoenix. Mas, depois de respirar fundo, ela agarra o volante sem nenhum aviso e vira o carro para o lado, quase nos fazendo capotar na direção da saída para o posto.

— Meu deus! Mas o quê...?

Ela aponta para a luz do medidor de gasolina no visor, e, com a outra mão, para o posto.

— Com que dinheiro, Dorothy? Não posso pagar nem por um galão, afinal não consegui largar você lá na delegacia.

Confie em mim. Estreito os olhos, mas ela me encara de frente. *Confie em mim.*

Não é nenhuma surpresa quando encontramos o posto vazio. Dou a volta lá dentro, parando na frente da bomba mais distante da pequena loja de conveniência, de onde o funcionário vigia os arredores. O tanque fica do lado do motorista, então Zu, que pula pela janela e sai atrás de mim, vai ficar escondida pela caminhonete.

— E então, qual é o plano?

Ela faz uma mímica, como se colocasse um cartão na máquina. Eu já deveria ter avisado que as bombas não aceitam mais pagamento em cartão; agora, só indo lá na loja e pagando em dinheiro.

Zu nem se abala. Ela simplesmente aponta o dedão para a loja, de onde o homem ainda me vigia, e começa a imitar alguém falando, abrindo e fechando os dedos sem parar.

Distraia o atendente!

Balanço a cabeça, enfiando as mãos nos bolsos, mas obedeço. É claro que não tem *a menor* chance de dar tudo completamente errado, imagina.

Já está uns quinze graus mais quente do que no norte do Arizona. Eu venho tão pouco aqui que esse calor de trinta graus já é o bastante para que eu me sinta em um forno. Pelo menos o atendente pode contar com os ventiladores da loja, mesmo que o dono seja mesquinho demais para liberar o ar-condicionado.

Os sininhos em cima da porta tocam. Olho para trás e levo um susto ao ver a tela da bomba, que até então estava apagada, se acender de repente com vários números. Não sei se o atendente consegue ver isso do caixa, e sei menos ainda o que a menina pensa que está fazendo, mas logo começo a bolar um plano. Pode parecer idiota, mas é bem simples.

Forjo um tropeção e caio de cabeça numa prateleira de doces. Sacudo os braços, derrubando quase tudo no chão e instaurando o mais completo caos. O atendente deve achar que estou tendo um ataque epiléptico, porque se abaixa ao meu lado, conferindo minha pulsação e enfiando uma barra de chocolate enorme entre meus dentes como se estivesse com medo de que eu mordesse a língua.

— Senhor? Senhor? Senhor? — Nunca fui chamado de *senhor* antes, muito menos três vezes seguidas. — O senhor está bem? Consegue me ouvir? Senhor?

Solto um gemido alto e bem teatral, levando a mão à cabeça enquanto viro de lado. Atrás do atendente agachado, mal dá para ver a bomba que Zu está manipulando, mas, a julgar pela velocidade com que os números mudam, ela vai conseguir encher o tanque sem pagar nenhum centavo.

— Vou chamar uma ambulância…

Aquele pobre coitado é um velhinho inocente e cai como um patinho. Sinto até um pouco de pena. Isso só até que ele

ter a pachorra de dizer:

— Vai ficar tudo bem. Você vai ficar bem, meu filho.

— Eu só… Deve ser o calor — digo, agarrando seu braço quando ele começa a se afastar. — Vou ficar bem. Você tem… Queria comprar uma água, pode ser?

Ai, por favor, preciso ter o suficiente para comprar uma água.

— Não, não, não, que isso — retruca ele, afastando os poucos fios de cabelo branco da testa suada. — Espere aqui. Vou pegar um copo de água na geladeira que fica lá atrás.

Sei que leva mais do que alguns minutos para encher o tanque, mas vamos ter que nos virar com o que Zu tiver conseguido botar para dentro. Espero o velho se levantar, cambaleante, e ajeitar o velho uniforme azul de poliéster antes de sair por uma porta dos fundos. Só então me levanto e saio correndo.

E dá o tempo certinho. Zu me vê chegando e joga a mangueira de volta para o lugar. Eu a ajudo a entrar na caminhonete enquanto olho para a tela da bomba. Não sei como, mas a menina conseguiu roubar mais de 300 reais de gasolina.

Saímos cantando pneu. Faço curvas fechadas, procurando o retorno para a I-17, rindo sem parar, porque não tenho outro jeito de descarregar a adrenalina. Zu se estica na minha direção e afivela meu cinto de segurança, depois prende o dela. Seu rostinho está bem vermelho, mas cheio de orgulho. Eu também estaria orgulhoso no lugar dela.

— Foi seu irmão quem te ensinou a roubar gasolina assim? — pergunto, quando consigo recuperar o fôlego.

Ela balança a cabeça. “Não, esse é um truque novo.” Quero pensar em como isso poderia ter dado errado de mil maneiras diferentes, na grande chance de ter mais de uma câmera naquela loja, que com certeza filmaram meu rosto e o carro. Mas não sei como isso funciona. O velho vai se arrastar até o caixa e ver que alguém botou gasolina sem pagar. E quem vai vir acertar as contas com a justiça? Será

que a polícia tem tempo de investigar isso, considerando o tanto de problemas com que precisam resolver, lá em Phoenix?

E quem se importa? Se quiserem vir atrás de nós, que venham. Quero ver nos pegar.

Não estou conseguindo pensar direito. Sei disso porque as palavras que saem da minha boca são tão absurdamente insanas que quase não reconheço minha própria voz.

— Se você me ajudar a encontrar outra criança, não vou precisar te entregar.

Pensa bem: é uma ideia *tão* maluca assim? A menina já provou ser muito mais talentosa do que eu, além de ser boa com trabalhos manuais e de me proporcionar um estoque ilimitado de gasolina quando e onde eu precisar. E — quem sabe? — talvez as crianças tenham alguma conexão psíquica. Eles já conseguem fazer carros se moverem sozinhos, incendiar coisas e atirar longe um homem adulto. Por que logo isso seria improvável? Não precisa ser ela.

O sorriso de Zu vai se desfazendo pouco a pouco, e o desapontamento em seus olhos já responde antes mesmo que ela faça não com a cabeça.

* * *

Não faz sentido. Estou dando uma chance, estou salvando a vida dela, e ela nem me agradece? Talvez eu estivesse certo, talvez ela *queira* ser capturada. Está cansada de fugir, de ser caçada, só quer andar até os braços do FEP mais próximo e acabar logo com aquilo. Isso explicaria por que ela não fugiu antes. Claramente não está comigo porque gosta da companhia.

Olha, eu não sou bom em nada. Nunca fui o preferido de ninguém. Só estou tentando sobreviver, como fiz quase a vida toda. Não quero ir para a faculdade para virar médico ou advogado ou um desses manés que passam o dia sentados com as mãos na cabeça, jogados no chão da bolsa

de valores. Em uma escala de vitoriosos e fracassados, sei que estou mais ou menos no meio.

Só estou tentando chegar a um ponto em que ao menos tenha *opções*. Não entendo por que a pequena Zu não tem essa necessidade, por que está abrindo mão da própria liberdade. Não sei nada sobre esses acampamentos, mas sei que se as pessoas não podem nem sussurrar sobre isso, boa coisa não é. Se ela não entende isso, é ingênua demais. Ela é como o velho do posto de gasolina, me oferecendo água sem nem perceber que estava sendo roubado. Essas pessoas não conseguem compreender o estado de calamidade do mundo.

Tá, tá bom, admito que dói *um pouco* saber que ela prefere ir presa do que ficar comigo. Mas vai ver… Vai ver ela não entende do que está abrindo mão. Talvez eu precise explicar?

Já faz quase dez minutos que estamos aqui, estacionados na frente da FEP. Ao contrário de Prescott, aqui tem bastante gente andando de um lado para outro — o que inclui vários grupos de FEPs e o pessoal da Guarda Nacional, que foi trazido para cá para conter os protestos da última vez que tentaram doar rações para a população crescente de sem-tetos. Porque adivinha só? Quando faz mais de quarenta graus, as pessoas são capazes de tudo, até de matar, por uma garrafa de água.

O prédio era bem genérico, escondido à sombra de vários arranha-céus, entre eles a coluna de vidro azul e reluzente do antigo complexo do Banco Chase. O campo de baseball que levava o nome da empresa tinha fechado antes de encerrarem os campeonatos profissionais. Ouvi rumores de que alguns sem-teto tinham tomado o campo, que era objeto de briga constante entre as gangues que queriam expandir territórios. Pelo menos era o que diziam os rumores. Deus parecia proibir qualquer um dos palhaços do governo de dar alguma informação relevante sobre o que estava acontecendo; eles só vinham com instruções

evasivas como “evitem o centro de Phoenix sempre que possível”.

Um prédio bege de três andares com janelas pequenininhas — parece tão inofensivo. De longe, não dá nem para imaginar que é uma base militar. Sei que o prédio provavelmente não foi construído para esse fim, mas isso só aumenta a sensação de que estou indo para uma reunião de negócios.

— Dez mil dólares — explico a ela. — É isso que essas pessoas acham que você vale.

Zu não responde. O sol da tarde já está baixo no céu, e sua pele reluz com um brilho de mármore. Os curativos de ontem estão começando a cair, e ela volta e meia os aperta, para colar as pontas. Sei que Zu está muito concentrada em alguma coisa. Vejo sua garganta mexer como se ela estivesse engolindo as palavras, uma a uma.

— Você fez isso consigo mesma — digo, meio rouco.

Ai, droga! Sinto meu estômago se revirar quando olho para o asfalto rachado à frente. Um carro chega depressa e para na vaga logo à nossa direita. É uma daquelas vans brancas e sem janelas que os assassinos sempre usam nos filmes.

De dentro sai uma mulher com cabelo louro descolorido tão ressecado que chega a ser todo embaraçado. Usa jeans desbotados e abre um sorriso malicioso quando repara em Zu, no banco do passageiro. O sorriso falha um pouco quando ela me vê, mas logo se recupera, abaixando-se até ficar cara a cara com Zu. Ela cumprimenta a menina assentindo de um jeito tão condescendente que sinto meu estômago se revirar.

De repente, Zu abre a porta com tudo, acertando a cara da mulher em cheio.

— *Puta merda!*

A rastreadora cai como um saco de batatas e fica no chão, imóvel. Zu parte para a ação. Ela abre o restante da porta e pula por cima da mulher em direção à van. Quando

a menina abre a porta lateral, já recobrei os sentidos e estou me arrastando pelo carro, para sair atrás dela.

A mulher está desmaiada — também, ninguém aguentaria tanto tempo consciente de cara no asfalto quente... Verifico os arredores, horrorizado, com medo de que alguém tenha visto, mas Zu só tem olhos para a pequena silhueta encolhida entre correntes e tiras de couro no meio da van. Ela acena para mim, impaciente, como se perguntasse “Você não pode tentar acompanhar o passo, não?”, e eu pulo do nosso carro para dentro da van, parando só para pegar as chaves das mãos da mulher inconsciente.

A criança — um garoto de doze anos, treze no máximo — só para de se debater quando Zu tira a venda de seus olhos. Não consigo acreditar: a van tem um cheiro horrível, e percebo, pela mancha na calça, que o garoto se mijou — claro, ele é só uma criança! Está tremendo e gritando alguma coisa para ela por trás da mordaça. Deixo Zu pegar as chaves e tirar as algemas dos pulsos e tornozelos dele.

De canto de olho, vejo, no banco do passageiro, junto de uma pistola, um tablet preto e reluzente. O tipo que só os rastreadores registrados têm.

— Ah, meu Deus! — grita o menino, quando Zu consegue soltar a mordaça.

Ele respira fundo, ofegante, o peito subindo e descendo num ritmo frenético. O menino não para de chorar, como eu chorava quando era criança e chegava em casa depois de tirar uma nota baixa ou de perder no futebol. Minha mãe sempre dizia que eu estava sendo ridículo por sofrer com idiotices. Ele está soluçando como eu solucei na noite em que encontrei o corpo do meu pai.

— Obrigado. Obrigadoobrigadoobrigado...— diz o menino, me agarrando.

Acho que ele não consegue mover as pernas, então o pego no colo e o carrego até a caminhonete. E já sei que também não vai ser esse aqui.

* * *

Não sei mais que merda estou fazendo.

Entro na rodovia I-10 e saio dirigindo o mais rápido possível sem chamar atenção. Cada vez que olho pelo retrovisor, espero ver algum veículo militar atrás de mim, chegando cada vez mais perto, acelerando na estrada, armas a postos. Ou quem sabe uma van branca com uma mulher loura e despenteada, apontando uma arma novinha em folha pela janela, tentando atirar em mim no meio de uma perseguição.

Acho que vi filmes de ação demais.

Zu segura a mão do menino, muito calma, e ele não tenta resistir. Acho que essa é a diferença entre as crianças de hoje em dia e as crianças da minha época. Elas são bem mais humildes e compreensivas — pelo menos não são babacas e grosseiras só porque se sentem humilhadas por terem se mijado e chorado na frente de uma menina. Acho que elas não ligam muito para essas coisas, considerando as circunstâncias. E é meio fofinho, tipo... tipo um cachorrinho. Só que com superpoderes estranhos e hormônios.

Mas ele também me surpreende. Agora que se acalmou, o menino parece tentar flertar com Zu. Não para de fazer perguntas, mas a menina só faz que sim ou que não com a cabeça.

— Ela não fala — explico, por fim. — Mas consegue entender o que você está dizendo.

— Ah.

Dou uma espiada no garoto. É ruivo, com uma explosão de sardas no rosto, e está usando roupas decentes — o tipo de roupa que deixa bem claro que alguém se importa com ele, que alguém sabe que está desaparecido. O menino se remexe, desconfortável, e se encolhe no banco de couro rasgado.

— Qual é o seu nome?

— Você é que nem aquela mulher? — retruca o menino, em vez de me responder. — Um rastreador?

A essa altura, sou o exato oposto de um rastreador. Zu aponta para mim e faz um joinha, e para mim foi como se ela tivesse acabado presidente dos Estados Unidos.

— Ah. Está bem, então. Meu nome é Bryson.

— Beleza — respondo. — Eu sou o Gabe. E essa é a Dorothy.

Ela se estica por trás de Bryson e me dá outro soco no ombro.

— Ai! Tá bom, tá bom. Essa é a Zu.

— Zu? — Bryson abre um sorriso. — Maneiro.

E é maneiro, mesmo. Melhor que Pauline, por exemplo.

— Como é que você foi capturado? — pergunto.

É tão estranho ter uma conversa de verdade depois de dois dias falando sozinho.

Bryson solta um suspiro, deixando a cabeça cair para trás no encosto do banco.

— Foi muito idiota. Della vai me matar.

— Della é sua mãe?

Só comecei a chamar minha mãe pelo nome depois dos vinte, quando fiquei com vergonha de associar a palavra àquela mulher.

— Não, ela… Ela que estava cuidando de mim e do meu irmão, e de umas outras crianças. Ela e o marido são muito legais, e eles estão cuidando da gente até as coisas melhorarem.

— Ela mantém vocês escondidos? — Uau. Essa senhora tem colhões. Sei bem como é: o pânico fez minhas bolas se encolherem até virarem uvas passas. — É, acho que Della vai mesmo te matar.

A história do garoto era fascinante. Essa mulher, Della, e o marido, Jim, tinham acabado de se mudar para um bairro calmo em Glendale — um dos poucos bairros que ainda resistiam, enquanto as ruas e cidades em volta iam se esvaziando conforme as casas iam sendo desapropriadas

pelos bancos. Eles não tinham filhos, mas eram muito simpáticos e — o mais importante — faziam questão de deixar sua opinião sobre Gray bem evidente, então era fácil confiar neles. Começou quando uma das crianças do bairro de Bryson desapareceu na noite do décimo aniversário. Alguns meses depois, outra criança sumiu. Então, finalmente, quando chegou o aniversário de Bryson, ele e o irmão foram acordados pela mãe no meio da noite e levados até a casa de Jim e Della. A mãe mandou que se comportassem e ficassem escondidos até ela voltar para buscá-los.

— E você não gosta de lá?

— Não, não é isso. Jim e Della são o máximo. Ela cozinha muito bem, e Jim está nos ensinando a consertar carros na garagem. Mas é que é uma droga ter que passar tanto tempo no sótão. A gente não consegue sair muito.

— E você foi pego porque não aguentava mais ficar lá?

Outro suspiro.

— É que eles disseram que iam nos levar para a Califórnia, para um lugar seguro, e meu irmão idiota… Ele não queria ir sem o ursinho de pelúcia. E eu achei que… A distância da nossa casa para a deles não era muito grande, então achei que dava para ir lá rapidinho, escondido à noite, e não teria problemas.

Zu assente, muito compreensiva, mas algo em seu rosto me dá a impressão de que ela quer perguntar alguma coisa.

— E imagino que aquela rastreadora estava rondando a vizinhança, só esperando para uma das crianças desaparecidas aparecer?

— Acho que sim.

Era a hora em que eu deveria dizer algumas palavras de conforto. Sei disso, porque Zu olha para mim com uma cara de “Aí está a sua deixa, amigão.”

— Bem… Acho que foi legal da sua parte, tentar. Tenho certeza de que… hã… de que o seu irmão ficou feliz.

— Ah, se eu fosse mesmo esperto, teria levado Marty. Ele é um azul, e podia ter... sei lá, jogado a mulher do outro lado da rua para que a gente pudesse fugir, ou coisa parecida.

— E o que é você?

Por favor, não diga vermelho. Por favor, não diga vermelho... Uma amarela já era bem assustador. Não sei se conseguiria lidar com um vermelho.

— Verde.

— E isso quer dizer que...? — insisto. Jesus, o que estou fazendo? Alguma hora vou ter que parar o carro, mas quero me afastar o máximo possível de Phoenix. — Você tem boa memória?

Ele balança a cabeça.

— Só sou bom em matemática e problemas de lógica. Que perigo! Pena que não dá para jogar soluções lógicas para cima de uma arma.

Dou um assobio baixo, mais por simpatia à amargura em sua voz do que pela imagem mental.

— Mas... É que estou com muito medo de ter estragado tudo. Se aquela rastreadora deu um jeito de descobrir onde eu estava, agora Jim e Della estão ferrados, e os outros...

— Que isso, cara — interrompo. Se eu não posso entrar em pânico por causa disso, ninguém mais pode. — Claro que não. A não ser que você tenha dito alguma coisa. Você sabe como entrar em contato com eles?

Bryson tem um número de telefone, agora só resta encontrar um telefone público funcionando e desocupado. O problema é que telefones públicos foram praticamente extintos depois da invenção do celular. E quando ninguém mais tinha dinheiro para comprar um celular ou pagar pelos serviços das operadoras, começaram se formar filas quilométricas nos poucos telefones públicos que sobraram.

Finalmente encontro em um desses centros comerciais a céu aberto que não tem quase nada além de um salão de

beleza e um restaurante chinês. Não tenho ideia de como continuam funcionando, mas bom para eles.

Para me certificar de que ninguém vai se aproximar, decido esperar alguns minutos. Quero ter certeza de que é seguro deixar os dois sozinhos no carro. Quando me convenço de que está tudo bem, viro para trás e interrompo a conversa.

— Mas tenho certeza de que Della deixaria você ficar, se quiser — dizia Bryson, encolhido com Zu no chão entre o banco e o painel. — O sótão é bem grande, e temos vários videogames!

Eu prendo o riso, mas, um segundo depois, sinto uma dor horrível no peito. Olho para Zu, tentando prever sua reação enquanto ela escreve a resposta no verso daquele mesmo pedaço de papel de mais cedo.

Eu me inclino por cima do ombro de Bryson para ler. É estranho porque a caligrafia dela é igualzinha à sua voz na minha imaginação: grande, leve e bem feminina. *Vou para o rancho do meu tio em San Bernardino.*

Que é... onde mesmo? Acho que na Califórnia. Se ela acha que vou dirigir até o sul da Califórnia, está redondamente enganada.

— Eu já volto — anuncio. — Tranquem as portas, está bem? E fiquem abaixados.

Pego o fone, com um pouco de nojo, e o limpo na camisa, como se fosse adiantar de alguma coisa. Enfio a moeda no buraquinho e disco o número que Bryson escreveu nas costas da minha mão. A ligação leva um tempinho para completar, e eu olho para o carro para checar se eles estão fazendo o que falei, e não espiando por cima do painel.

Toca três vezes, e, quando eu achava que ia cair na secretária eletrônica, alguém atende, ofegante.

— Hã... é... Oi! Eu acho que... — Ah, merda. Será que Gray continua grampeando os telefones? Quer dizer, será que eles teriam algum motivo para escutar essa ligação específica? — É, acho que achei seu co... cachorro!

Merda, quase falei coelho! Você precisa se acalmar, Gabe!

A mulher — acho que é Della — continua quieta.

— É, eu posso levar ele aí sem problemas, mas é que talvez fosse melhor você pegar ele aqui? É um cachorro bem grandão. Tem... Ele... tem o pelo ruivo, sabe? Sabe do que estou falando?

— Sei — responde a mulher, numa voz bem baixa e com sotaque do sul, o que eu realmente não esperava. — Pode me dizer onde está? Posso ir aí encontrar você.

Eu me inclino para fora da cabine, tentando ver o nome da rua. Estou ensopado, e não só por causa do calor.

— Vou jantar aqui no restaurante Mr. Foo, na esquina da Baseline com a Priest Drive.

— Ótimo. — Ouço o barulho de chaves. — Está bem, eu chego em menos de meia hora. Você... Preciso levar alguma coisa? Como agradecimento?

— Como ass...

Ah. *Ah*. Ela está perguntando se eu quero alguma recompensa. Merda. Quer dizer... Achei que só daria para ganhar dinheiro entregando as criança para o governo, não devolvendo elas para os pais, entende? Estou tão atônito que não consigo nem pensar no que dizer.

— Alô?

— Acho que um pouco de dinheiro para gasolina seria ótimo. — Consigo dizer. — Se não for muito incômodo.

Continuo meio atordoado, mesmo depois que desligo o telefone e volto para o carro. As crianças se viram para mim com aqueles olhos enormes enquanto entro e bato a porta. Eu me inclino para a frente e encosto a testa no volante, fechando os olhos.

— Você falou com a Della?

Ouço um farfalhar de papel e algo arranhando de leve. Abro um dos olhos a tempo de ver Zu passar um bilhete de volta para Bryson. É uma coisa tão natural e comum para aquelas crianças estarem fazendo num cenário tão absurdo

e sob circunstâncias tão horríveis que não consigo evitar um sorriso — só um sorrisinho.

— Zu quer saber se você precisa que ela vá buscar alguma coisa para a gente comer — diz Bryson, lendo o papel.

Eu me recosto no banco, exasperado.

— Della vai chegar em meia hora. Se vocês estiverem com fome, posso ir pegar alguma coisa que valha quinze dólares lá no Mr. Foo.

Os dois balançam a cabeça, então percebo — ainda mais exasperado, se é que é possível — que eles na verdade estavam preocupados comigo.

— Eu estou bem. Vamos esperar Della.

Fico com o trabalho de vigiar o estacionamento, atento à chegada dela ou a qualquer pessoa ou coisa suspeita — o que, hoje em dia, é basicamente tudo, mas pelo menos estamos numa parte muito calma da cidade. Entediado, começo a mexer no tablet que roubei da rastreadora.

A tela inicial é o mapa dos Estados Unidos que rapidamente dá um zoom no estado do Arizona e, em seguida, sinaliza com um alfinete vermelho a base da FEP no centro de Phoenix. Uma janela pula na tela informando que não é possível se conectar a uma rede sem fio local e oferecendo o serviço de satélite por uma pequena taxa.

Não. De jeito nenhum. Isso significa que alguém do outro lado pode usar essa mesma conexão para rastrear a localização do tablet.

O que mais me surpreende é conseguir usá-lo sem precisar ter acesso à internet. Talvez todas as informações já estejam carregadas no aparelho, e a internet só seja necessária para baixar alguma atualização? Faz sentido, afinal, hoje em dia, podemos contar com a internet tanto quanto com o presidente Gray.

O menu principal é cheio de botões: GPS, uma versão digital do manual e algo chamado “Rede de Recuperação”.

Então era *disso* que o Hutch estava falando. Aperto o botão, e a tela muda para uma lista de nomes e fotos de crianças. Quase todas as fotos são de cortar o coração: todos apavorados. Os que já foram mandados para acampamentos têm um enorme RECUPERADO no meio da foto. Não há nenhum indicativo de onde ficam os acampamentos, mas cada perfil traz as informações básicas da criança: estimativa de altura e peso, cidade de origem, nome dos pais e status: entregue ou "recuperada".

Tem um campo de busca no topo da tela. Admito que é apenas por pura curiosidade que digito "Zu". Tento não olhar para ela, ali no chão do carro, enquanto a tela carrega. Ah, maravilha: mais de trezentos nomes. O sistema achou todo nome que continha "zu", incluindo um número surpreendente de Zuzanas e Zuriel.

Mas o nome dela é Suzume. Descubro assim que bato o olho na foto, mesmo que na tela o seu rostinho de boneca esteja emoldurado por uma longa cabeleira reluzente. As lágrimas nem tinham secado direito quando a foto foi tirada, e ela olhava para a câmera como se a lente fosse o cano de uma arma.

Doze anos, natural da Virgínia, filha única.

"Foragida", diz a lista. "Amarela. Recompensa pela recuperação: 30 mil dólares. Extremamente perigosa, recomenda-se cautela." Então, como se já não bastasse, vejo que a data em que ela fugiu do "programa de reabilitação": apenas quatro meses atrás. O número dela é 42245.

Logo abaixo há um campo para observações onde os rastreadores deixam dicas. Ela foi avistada duas vezes em Ohio e, alguns meses atrás, no fim de março, na Virgínia.

Sinto a cabeça latejar; começa com uma batida baixa e inconstante, que vai acelerando até um ritmo frenético. De repente, começo a ver duas telas, ambas borradas, e sinto o sangue ferver. Meu corpo inteiro esquenta, como se

consumido por uma febre. Não consigo respirar, não consigo respirar, acho que vou vomitar...

Deve ter sido lá que rasparam a cabeça dela.

Deve ter sido por causa do que aconteceu lá que ela não fala.

O lugar devia ser tão ruim que ela teve que escapar, e agora ainda é obrigada a encarar babacas feito eu, que só querem mandá-la de volta para lá.

Por que eu nunca cogitei essa possibilidade? Nem me passou pela cabeça. Eu estava tão focado em entregá-la para os FEP que nem imaginei que ela já havia passado por lá, e que provavelmente foi tão terrível que não teve escolha senão fugir. E foi o que fez. Deu o fora de lá. Nós dois conseguimos fugir de nossas vidas e nos encontramos, e talvez não tenha sido por acaso, afinal. Talvez seja exatamente isso que eu deveria estar fazendo.

Quero conversar com ela. Quero a verdade, mesmo que Zu não possa me dizer com palavras. Que escreva, não me importo. Quero ouvir o que fizeram com ela. E quero saber quem foi, para matar cada um deles. Minha mente está cheia de imagens confusas. Meus amigos de uniforme preto, levando as crianças pelos corredores. O desapontamento nos olhos de Zu quando a forcei a botar aquelas luvas e prendi suas mãos, como se ela fosse um bicho... E, acima de tudo, não consigo parar de pensar na cara dela vendo aquele filme idiota lá no hotel — na tensão que se aliviou quando Dorothy saiu da casa e entrou no mundo fantástico de Oz.

Porque ela sabe como é viver num mundo em vários tons de preto, com apenas um toque de branco. Mas depois que ela fugiu de lá, não encontrou arco-íris, vestidos, cantoria nem dança. Só encontrou mais feiura.

Ela me encontrou.

Seis

Della é bem mais nova do que eu imaginava. Acho que quando ouvi as palavras *sem filhos* pensei numa senhora, não em alguém na casa dos quarenta. O sedã branco é o único carro que entra no estacionamento durante todo o tempo que passamos lá, então é impossível não notá-la mesmo antes de ela vir até nós.

Bryson enfia a cabeça na janela no instante em que a mulher estaciona ao lado da porta do passageiro. Estamos o mais distante possível das lojas, mas temos que ser rápidos. Caso alguém nos veja, que pense no máximo que se trata de uma negociação envolvendo drogas ou qualquer outra substância ilícita, e não crianças.

Ela está de calça jeans e blusa marrom, e basta ver a cabeleira ruiva para que a expressão séria mude completamente. Della é bem bonita, com um sorriso agradável e caloroso, além de muito simpática. Não está tão enrugada quanto minha mãe. E ela fica ali, parada, nos olhando com aqueles seus óculos de sol aviador, os cachos louros caindo nos ombros, as mãos na cintura.

— Desculpa, senhorita Della! — São as primeiras palavras que saem da boca de Bryson. — Me desculpa!

A mulher não parece muito rigorosa, mas tenho a sensação de que, se fôssemos da mesma família, ouviríamos uma bela bronca. Em vez disso, ela simplesmente inclina a cabeça para o lado, dá um sorriso fraco e abre os braços para ele. Bryson vai correndo e afunda a cabeça em seus ombros. Praticamente pula em

cima da mulher. Só relaxo quando vejo que está bem escondido pela porta aberta.

— Vocês tiveram um dia daqueles, hein? — Ela ergue os óculos escuros enquanto olha para Zu e para mim. — Nossa, você é novinho!

Dou risada.

— Tenho um filho da sua idade — continua Della, me inspecionando com os olhos azuis. — E esse é justamente o tipo de coisa que ele faria. Então você tem que me desculpar, mas estou me segurando para não puxar sua orelha. Não pode se arriscar assim.

Ué, Bryson não tinha dito que ela não tinha filhos?

Dou de ombros.

— Quem não arrisca não petisca, não é mesmo?

O sorriso dela diminui um pouco.

— Ah! Isso pareceu papo de trambiqueiro! — Tento me corrigir, mais do que depressa. — Eu quis dizer que... O mundo, sabe? Nada vai mudar se não corrermos nenhum risco.

— Isso também é algo que ele diria — retruca ela, seca. — Só não dê à sua mãe o desgosto de levar esse pensamento adiante e acabar entrando para a Liga das Crianças, está bem?

Della está protegendo crianças ilegais em casa; claro que o filho dela é parte de um grupo secreto que se dedica a fazer da vida de Gray um inferno. Aquilo acende uma fagulha na minha mente e fica lá queimando entre todas as outras possibilidades incertas que eu cogitei para minha vida. Quero perguntar mais sobre o assunto — quero saber mais sobre o filho dela —, mas Della se vira para Zu, que, posso jurar, não piscou uma única vez desde que a mulher chegou.

— Oi, minha querida! Como vai?

Zu abre um sorrisinho tímido, e Della responde com um sorriso gigante.

— Estou com o dinheiro da gasolina — começa ela, olhando para mim. — Para onde vocês vão? Precisam de um lugar para passar a noite?

— Nós vamos para a Califórnia — revelo, ignorando a surpresa no rosto de Zu, olhando para mim. Mas, depois de tudo que aconteceu, não há a menor dúvida de que é isso que vou fazer. — O tio dela tem um rancho lá, e vou levar a menina. Depois vou procurar um emprego.

— E você tem todos os documentos? Já planejou como vão cruzar a fronteira?

E, de repente, meu coração para.

— Como assim?

A expressão de Della parece suavizar um pouco, percebo as engrenagens lá dentro funcionando.

— É todo esse problema entre a Coalizão Federal e a Liga das Crianças... A liga fica em Los Angeles, então Gray está aumentando a segurança na fronteira e interrompeu o fluxo de importação e exportação, para tentar matá-los de fome. Todos precisam de uma permissão especial do governo para entrar no estado.

Ah, merda... Comprimo os lábios, tentando disfarçar a decepção. Com certeza tem algum outro jeito de entrar sem ser de carro — nem andando centenas de quilômetros pelo deserto em pleno verão.

— Vocês precisam chegar rápido lá? Já sabem como arrumar a documentação?

— É... Acho que a gente podia...

Começo a pensar loucamente em algum jeito de entrar na Califórnia. Na caçamba de um caminhão? Ou será que eu conseguiria subornar alguém?

— Bem... — Della deixa a palavra se estender por um bom tempo, passando a mão no cabelo. — Então acho que você está com sorte, querido. Tenho alguns documentos que você poderia usar. Se bem que talvez eles dificultem um pouco as coisas. E você teria que dar um jeito de esconder a menina quando cruzar a fronteira.

— Ei… Calma aí… Quê?

Della abre um sorriso.

— Meu marido é um mecânico bem diferente. Ele trabalha para uma das empresas que faz manutenção nos canais e aquedutos que levam a água para fora do estado, então tem toda a documentação necessária para atravessar as fronteiras. Acho que eles estão ali no painel, e…

Della é tão intensa que nem me lembro de ter saído da caminhonete, dado a volta e parado perto dela, no sedã. Ela aponta para dois adesivos laminados especiais presos na janela.

— Infelizmente não posso te dar esses, mas, se você chegar na fronteira por volta de meia-noite, vai ter menos guardas de vigia, e aí tem muito mais chance de simplesmente deixarem você passar. Mas, se barrarem, mostre esses papéis aqui… — Ela se enfia pela janela do carro, abre o porta-luvas e me entrega uma pequena pilha de papéis. — Todos da empresa têm aprovação automática para passar. Se pedirem alguma identidade para verificar com os nomes nos documentos… Bem, você vai ter que inventar uma desculpa. Ou então pisa fundo e sai rezando!

Engulo em seco e faço que sim.

Della bota a mão no meu ombro e começa a ajeitar minha blusa, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ela para do nada e abre um sorriso amargo.

— Desculpa, é força do hábito. Acontece, depois de ter dois garotos.

Não me importei muito. Na verdade, foi até bom.

— Tem certeza de que pode me dar isso? — sussurro. — Quer dizer… seu marido não precisa desses documentos?

Ela sacode a mão, indicando que não tem importância.

— Ele vai entender. Sério. Quero que você pegue esse carro e leve essa menina para algum lugar seguro, está bem? Esse agora é o seu trabalho, entendeu?

Fico um pouco tonto com o peso da responsabilidade que desaba nos meus ombros, mas aceito a missão. É meu

trabalho. Vou fazer isso.

— E você vai dar conta, não é? — Della ergue os óculos de sol e me olha nos olhos. — Ah, eu sei que vai. De verdade. Sabe por quê? Porque você chegou até aqui. Você ligou para mim, e não para a FEP ou para um rastreador. Tem muita coisa ruim nesse mundo, e você trouxe um pouquinho de luz de volta para nós. E não pelo dinheiro, pela glória ou por nada do tipo, só para ajudar outro ser humano. E isso é raro, raro mesmo. Você é um bom homem, e deveria estar orgulhoso de si mesmo.

E, quando ela fala aquilo, eu me sinto bem. Bem de verdade. Não consigo me lembrar quando foi a última vez que me senti tão leve. Fico corado, mas não de vergonha. Sinto um aperto no peito e preciso prender a respiração, ou vou cair no choro na frente de uma desconhecida. Quando ela encosta em mim outra vez, um gesto simples e tão carinhoso, percebo que estou prestes a explodir como uma estrela.

E é só então que me dou conta: desde que meu pai morreu, ninguém nunca me disse que fiz algo bom ou certo ou mesmo que tenha valido a pena. E talvez eu não tenha feito mesmo, até agora. Antes de acabar com a própria vida, meu pai sempre dizia que às vezes não sabemos o que estamos procurando até encontrar. Senti tanta raiva — dele e do mundo —, que não sei como lidar com o que estou sentindo agora. Porque talvez eu esteja feliz. Talvez agora eu saiba o que tenho que fazer.

Bryson e Zu se abraçam rápido, e ele me dá um soquinho no ombro antes de entrar no sedã e se acomodar como se estivesse em casa. Volto para meu carro e prendo o cinto de Zu, que está muito empenhada em tirar as últimas gotas de tinta da caneta que dei a ela mais cedo.

Enquanto Della me dá orientações sobre o caminho mais rápido para pegar a estrada rumo ao sul da Califórnia, vejo que Zu está rabiscando naquele velho papel. É a mensagem que eu tinha visto antes, mas só agora percebo que não foi

escrita por Zu. A caligrafia é certinha e cuidadosa demais para ser dela. Quando Zu afasta o braço, finalmente consigo ler tudo:

Nós te amamos. Se precisar de ajuda, é só procurar meus pais (eles estão disfarçados de Della e Jim Goodkind). Diz que fui eu que mandei.

Levo um susto quando Della se debruça pela janela e aperta meu ombro de levinho para se despedir. Zu levanta o rosto, em pânico, dobra o papel e me entrega, para que eu passe para ela.

— Trate de ficar segura, querida — manda Della, jogando um beijinho. — Vocês dois. Por favor.

— Pode deixar comigo — digo, engatando a marcha, e ela se afasta para que eu feche a janela.

Não sei por quê, mas olho no retrovisor quando vamos embora. Ainda me parece que estamos num sonho feliz de outra pessoa, que nada disso é real. E sei que não vou conseguir fazer com que Zu me conte sua história, pelo menos não a história toda. Mas tudo bem. Todos temos segredos. E, a partir de agora, vou deixar o passado em paz.

Della, cada vez menor no reflexo, desdobra o pedaço de papel. Mesmo de longe, vejo quando ela leva a mão à boca, quando se encosta na lateral do sedã, não sei se desesperada ou aliviada. A mensagem de Zu continha apenas três palavras, mas quase fez aquela mulher de aço cair de joelhos.

Liam está seguro.

* * *

No caminho para a Califórnia penso em parar em algum hotel barato para tentar tirar um cochilo, recarregar as energias, mas não consigo. Depois de usar o dinheiro de Della para botar o máximo possível de gasolina, acabo com os mesmos quinze dólares de antes. E qualquer lugar que

cobre tão pouco por um quarto é o tipo de estabelecimento onde vão roubar o carro durante a noite.

Zu fica atenta às placas verdes da estrada. Pelo jeito que ela batuca com os dedos na perna, acho que está contando. O rádio não tem sinal aqui no deserto, e acho que o silêncio está começando a fazer sua confiança desabrochar. A alegria que senti mais cedo, falando com Della, aos poucos vai se espalhando pela paisagem escura e estéril em volta. É a primeira vez na vida que sinto saudade das árvores lá do norte. Sinto saudade da paisagem familiar em volta, me abrigando como um cobertor quentinho.

Não consigo tirar da cabeça que, depois que eu deixar Zu nesse lugar, acabou. Chegarei ao fim da minha missão atual, a não ser que ela e as outras crianças precisem muito que eu fique para ajudar. E, mesmo que isso seja uma ideia ótima, preciso de um pouco mais para viver, ainda mais considerando que não tenho dinheiro para pagar nenhuma escola técnica que ainda esteja aberta na Califórnia. Eu poderia procurar algum trabalho no campo ou em construções. Talvez a polícia de lá me aceite. Se não, há também a Liga das Crianças. Duvido que eu não seria aceito lá, e assim eu pelo menos estaria fazendo alguma coisa para ajudar as crianças. Bem, preciso pensar mais nisso.

Mas já é alguma coisa. Agora tenho escolhas. Tenho possibilidades.

— Esse lugar para onde você quer ir… é legal lá?

Zu já anotou o endereço. A sabichona sabia de cor, e foi ela que percebeu, muito antes de mim, que dava para usar o GPS do tablet como mapa, sem precisar da internet para carregar a rota. É só aproximar a tela das ruas em volta de San Bernardino. Fui poucas vezes à Califórnia, mas foi o bastante para ficar meio nervoso quando chegamos em Quartzsite, uma das últimas cidades do Arizona na I-10, antes da fronteira.

Zu dá de ombros.

— Você nunca foi lá? Mas não é a casa do seu tio?

Ela entrelaça os dedos, depois os separa.

— Ah, entendi. Então ele não se dá muito bem com o resto da família?

Ela faz um joinha.

— E você tem certeza de que ele é... Digo, sei que é seu tio e tal, mas ele vai aceitar você lá sem problemas?

Zu abraça a si mesma, com força, fingindo estar muito contente.

— Espero que esteja certa, garota. Acho que não vou poder levar você comigo quando for procurar a Liga das Crianças...

É como se ela tivesse levado um tapa na cara. Assim que o choque passa, Zu parece bem chateada. Primeiro eu acho que é porque meu comentário foi meio maldoso, mas ela começa a se desesperar, balançando a cabeça e sacudindo as mãos. “Não”, os lábios dela foram a palavra no escuro. “Eles não.”

— Por que não?

Sabe, nunca ouvi nada muito bom sobre seus métodos, mas eles passam mais credibilidade do que aqueles pais sentados na escada da prefeitura de Flagstaff.

Ela começa a vasculhar o carro, desesperada, pegando vários pedaços de papel e descartando-os assim que vê algo importante escrito neles.

— Dorothy. Dorothy… Está tudo bem, calma.

Cada vez mais frustrada, quase arrancando os band-aids do rosto para escrever no verso, ela pega a caneta já falhando e escreve na palma da mão:

NÃO!!! ELES SÃO HORRÍVEIS! APAVORANTES! VOCÊ É MUITO MELHOR QUE ISSO!

Dou uma risadinha, batucando com os dedos no volante. Fico um tempo sem palavras, com um nó na garganta que não quer sair por nada. Alguns minutos atrás, minha boca estava com o gosto do hambúrguer do McDonald’s que devorei no jantar. Agora, está tão seca que a língua gruda no céu da boca.

— Tá bom. Tudo bem. Vou pensar em alguma outra coisa.

Porque, mesmo que não seja verdade, eu quero acreditar que é.

* * *

Consigo ver a delegacia da fronteira a quase quatro quilômetros de distância. Os holofotes são tão altos e tão intensos que parecem uma parede branca sólida. Chegando mais perto é que dá para ver os quilômetros de arame farpado e os gigantescos tanques e caminhões militares estacionados pela estrada, perto do prédio velho e baixinho onde os agentes de fiscalização da fronteira ficam sentados, para liberar a passagem.

Paramos no acostamento para esconder Zu, mas ainda me sinto meio mal a respeito disso tudo. Estou enjoado de verdade, de tanto medo. Coloco ela encolhida no pequeno espaço onde o painel faz a curva, mas ela só está coberta por um mero cobertor e uma sacola de viagem cheia de roupas que pegamos em um dos centros de doação. Será que ela consegue respirar ali? E o que vai acontecer se eles quiserem inspecionar a caminhonete? Eu me pergunto se ela também vai dar um jeito de me salvar dessa encrenca aqui.

— Não diga nada e não se mexa, não importa o que acontecer. Está bem?

Vejo várias placas cor de abóbora indicando que devo reduzir a velocidade, mas parecem um tanto redundantes. Os holofotes são tão intensos que é difícil ver qualquer coisa, e tiro o pé do acelerador só para evitar bater nas barricadas ou nos homens — e mulheres — uniformizados.

Merda. Merda, merda, merda. Agarro o volante. O ar-condicionado está no máximo, e o ruído é quase ensurdecedor, mas sinto as costas colando no banco de couro falso. *Está tudo bem, Gabe... Jim! Seu nome é Jim!*

Você é Jim Goodkind e tem todo o direito de passar por aqui...

Uma mulher sai do prédio, erguendo a mão para proteger os olhos do meu farol. Ela pede que eu me aproxime, mas não me deixa passar direto, como eu inutilmente torcia para que acontecesse.

A mulher bate na minha janela, eu abro, tentando me lembrar de como se respira. Para dentro, para fora, para dentro, para fora, para dentroforadentroforadentrofo...

— Poderia me dizer o que o senhor pretende fazer na Califórnia?

Diga alguma coisa. Diga alguma coisa. Tem uma garotinha aí do seu lado que precisa que você aja como um homem de 25 anos, não como um bebê chorão de três anos.

— O aqueduto... — Engulo em seco, me forçando a abrir um sorriso que não pareça imbecil. — Meu chefe acha que tem alguma coisa errada aí no lado da Califórnia. Os níveis da água estão estranhamente baixos. Tenho que verificar ainda hoje, antes que eles cheguem amanhã de manhã.

Não tenho ideia do que estou falando. Não tenho ideia se existe algum canal da Califórnia para o Arizona. Na verdade, sempre achei que fosse o oposto, que a Califórnia drenasse todo o Rio Colorado e nos deixasse sem nada, mas talvez eu só tenha passado tempo demais com guias turísticos bêbados e amargos. Meu sorriso é tão rígido que meu rosto está dormente.

Merda. Por que não treinei antes? Por que não consigo me planejar direito?

— Tenho minha papelada aqui. Meu passe — acrescento, numa vozinha fraca, tentando abrir o porta-luvas.

A soldado olha para a planilha, depois de volta para mim.

— Não tenho nenhum registro dessa viagem de manutenção...

Eu me aproximo da janela, deixando a voz cair para um sussurro, para que ela também precise se inclinar para

ouvir.

— Eles suspeitam de que a Liga das Crianças esteja envolvida no caso. Ninguém pode saber que estou aqui.

Ótimo. Agora, além de suspeito, eu pareço um doido das teorias da conspiração. Que belo jeito de inspirar confiança na minha sanidade.

Mas que merda, isso aqui não vai funcionar. Onde eu estava com a cabeça?

O outro soldado, parado na frente da TV, enfia a cabeça para fora da cabine, querendo ver o que está acontecendo. A mulher vai até lá e explica a situação, mas ele interrompe antes que ela termine.

— A Heron Hydraulics tem passe livre. Vou passar uma cópia da lista para você ler até amanhã. — Ele se vira para mim. — Sinto muito, senhor. Pode ir.

Eu o encaro, atônito. A mulher tem que acenar para me convencer de que posso mesmo ir.

Mas, uns trinta metros depois, encontro outra cabine de fiscalização da fronteira — algo que Della se esqueceu de mencionar. Não é nem de longe tão impressionante quanto a primeira, mas vejo uma pequena silhueta se movendo dentro da cabine minúscula. A cancela de metal tem uma placa pedindo que os motorista tenham à mão os passes da Coalizão Federal.

Merda. Será que eu tenho isso? Acendo a luz interna e avanço lentamente, atravessando a pequena área livre entre os dois prédios de agências concorrentes do mesmo governo. Não encontro nada com o selo da Coalizão Federal entre o arco-íris de documentos. Quando o carro chega à placa de metal que fica entre o deserto de veludo negro da Califórnia e eu, já estou tentando me controlar para não começar a entrar em pânico.

O que eu poderia dizer? Como posso alterar minha história para parecer que é do interesse deles, e não de Gray? E será que importa? Eles querem que eu esteja do lado deles? Ou isso só me faria parecer mais suspeito?

Mas, quando chego lá, o policial — ou melhor, o patrulha da estrada, essa raça rara — simplesmente aperta alguma coisa num painel e abre passagem. Ele nem tira os olhos da TV — está assistindo ao mesmo programa que o soldado da Guarda Nacional.

Acelero um pouco, esperando que ele me pare, ou que pelo menos demonstre parte do empenho da mulher lá de trás. Mas ele só fica lá, sentado; é como se tivessem saído de casa e deixado todas as luzes acesas. Ninguém se importa. Aliás, não é nenhuma surpresa considerando que existem há tanto tempo e fizeram tão pouco. Combina com a filosofia da Coalização.

Quando afasto a sacola e o cobertor, vejo Zu corada mas muito sorridente. Fica preocupada quando não retribuo o sorriso e franze o cenho, uma pergunta silenciosa, mas não quero contar. Não quero que ela saiba que, de repente, não sei se estamos em segurança.

Sete

San Bernardino não é muito diferente da região do Arizona onde encontrei Zu. Tudo bem que não é coberta de pinheiros, como Flagstaff, mas há árvores variadas e tenho certeza de que vi algumas perenes. É um vale bem bonito, cercado de montanhas negras que parecem se debruçar sobre nós conforme vamos das luzes da cidade até o coração do vale.

Já tinha ouvido rumores de que a Califórnia não estava sofrendo tanto quanto os outros estados, mas dirigir por essas ruas é como voltar dez anos no tempo. Não vejo nenhuma das calamidades da minha terra; nenhum mar de trailers prateados, nenhum carro abandonado, nenhuma cidade de tendas. O preço da gasolina continua astronômico nos anúncios, mas nenhum dos postos está fechado e coberto com placas dizendo esgotado, tente em Camp Verde.

O endereço fica a uns trinta quilômetros da cidade, e a paisagem vai ficando mais fria e silenciosa com o avançar das horas. Depois de um tempo, acabo tendo que abrir a janela e desligar o rádio e acordo Zu.

— Ei, Dorothy. É aqui?

Está completamente escuro, mas algumas luzes estão acesas numa cerca de madeira que leva até uma casa bem grande, um rancho com arquitetura típica do sul — cada detalhe, dos cactos em vasos de cerâmica na entrada à caveira de touro branca e lavada pendurada na porta. Deixo o farol da caminhonete iluminar a casa por um tempo, antes de desligá-lo e estacionar na estradinha de terra.

— E aí, o que acha? Não tem nenhuma luz acesa…

Ela solta o cinto e fecha a boca.

— Quer esperar aqui enquanto eu vejo se tem alguém em casa?

Não vou mentir: grande parte de mim estava torcendo para encontrarmos alguém à nossa espera, que aquelas amigas dela que os rastreadores estavam perseguindo estivessem aqui para receber Zu e contar tudo sobre como despistaram os barbudos. Não era tão impossível — afinal, eu não vi de fato as meninas sendo capturadas, e não havia sinal delas na delegacia de Prescott.

Elas devem estar dormindo, penso, ajeitando o cabelo. É. Já passa da meia-noite, e nada acontece a uma hora dessas. Todo mundo já devia estar na cama.

Claro que Zu não quer ficar sozinha no carro, mas pelo menos permite que eu vá na frente. Sinto suas mãozinhas agarrando minha camiseta para não se perder, e fico mais tranquilo só de pensar que ela precisa da minha ajuda.

Toco a campainha e bato à porta, mas ninguém atende. Contornamos a casa, espiando pelas janelas, mas não tem ninguém, só um monte de mobília coberta por lençóis brancos.

Talvez o tio dela tenha abandonado a casa. Considerando o tempo que levei para dirigir da entrada da propriedade até aqui, parece que esse lugar requer uma mão de obra monumental para funcionar, mesmo com a economia nos trinques. Acho que vi algumas vacas e cavalos nos pastos dos fundos, mas talvez tenha sido o cansaço. Agora, só vejo pedras.

Estendo a mão e seguro o braço de Zu, pensando em como vou explicar aquilo. Não acho justo ser a pessoa que vai partir seu coraçãozinho com essas más notícias, não acho justo ter que explicar que ela se esforçou tanto para chegar até aqui a troco de nada. Assim que começo a formular a frase, ouvimos um barulho abafado vindo de uma das construções menores afastadas da casa principal — algum estábulo ou garagem, acho.

As portas estão fechadas, mas noto uma fresta de luz quente e leitosa escapando por baixo — e vejo que ela se apaga quando nos aproximamos, bem de fininho, sem fazer barulho. Zu fica atrás de mim o tempo todo, agarrada à minha blusa.

Seguro a maçaneta de metal e deslizo a porta devagar, sentindo minha pulsação acelerar enquanto a madeira arrasta no chão de terra batida. Por um segundo, fico muito confuso: o rosto que vejo na escuridão é o de Zu. Mas é a Zu do tablet, da rede de rastreadores, com o cabelo longo e sedoso. Ela arregala os olhos e abre a boca, num grito.

E então vejo a loura atrás dela. A menina tem uma arma nas mãos, e nem hesita antes de atirar direto no meu peito.

E aí…

Parece…

É como…

Minha mente para de funcionar com a explosão de dor intensa que atravessa meu corpo, me rasgando de dentro para fora. Não consigo… O quê?… Não entendo. As garotas estão gritando, são as três que estavam no vale. E a última coisa que vejo antes de minhas pernas perderem as forças é Zu, nas minhas costas, tentando me segurar.

Sai daí! Não quero machucar você, mas não sinto nada abaixo da cintura. Vou cair em cima dela. Vou…

Quando abro os olhos de novo, estou no chão. Uma chuva quente se derrama sobre mim, escorrendo do rio de estrelas lá em cima.

— … é o homem da estrada, e a gente achou que…!

Zu entra no meu campo de visão com tudo. Ela empurra a garota com a arma, batendo com força no peito da loura. Ouço palavras — “Liguem!” “Não dá.” “Hospital!” —, mas logo tudo o que ouço é minha pulsação. Quero erguer as mãos e pressionar o buraco que a garota acabou de abrir no meu peito, mas não consigo respirar. Não consigo. Não consigo. Estou sufocando. Sinto um gosto amargo e metálico na boca.

Uma das meninas some na escuridão do estábulo, sei porque sinto o cheiro velho e almiscarado de bicho junto da acidez e do frescor da palha. Mas até os cheiros vão sumindo. O rosto de Zu aparece logo ali em cima, e ela começa a mexer a boca, os lábios. É uma mensagem para mim, só para mim, mas aqui não tem caneta nem papel. Vejo o desespero e o medo em seu rosto. Vejo que ela coloca as mãos no meu peito, mas não sinto.

— D-Dorothy… — Minha garganta arde, e só por isso sei que as palavras estão saindo. — Acho que… a gente não deveria ter saído de Oz…

Eu me sinto flutuando. O corpinho dela se sacode com soluços, o nariz escorrendo, as lágrimas caindo. Tem tanta coisa que eu quero dizer, quero contar para ela… O rostinho começa a se dissolver no cinza ao redor, levando junto meu ar. Minha voz.

Para com isso, garota idiota. Meu deus do céu, para de chorar.

Não sabe que eu odeio isso?

Dorothy, isso é muito idiota. Não seja tão estúpida.

Não seja.

Sobre a autora



© John Geyster

ALEXANDRA BRACKEN nasceu no Arizona, Estados Unidos, e estudou história e língua inglesa. Foi editora de livros por alguns anos, mas atualmente é escritora em tempo integral e está sempre trabalhando em algo novo em seu charmoso apartamento abarrotado de livros.

www.alexandrabracken.com

Conheça o outro livro da autora

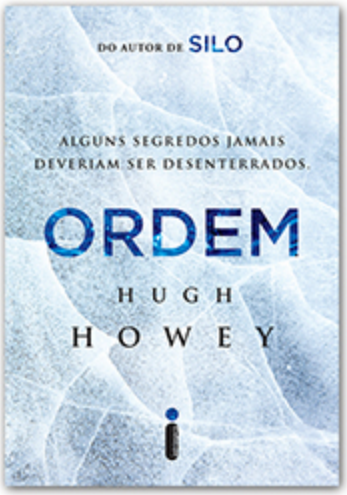


Mentes sombrias

Leia também



Silo
Hugh Howey



Ordem
Hugh Howey



Legado
Hugh Howey



Aniquilação
Jeff VanderMeer



Autoridade
Jeff VanderMeer



Aceitação
Jeff VanderMeer